

lugares de
MEMÓRIAS
Locus & Personas

GILBERTO ABREU

Abreu, Gilberto

Ribeirão Preto: Lugares de Memórias: Locus e Personae - Ribeirão Preto, SP: Divertimenti, 2018.

ISBN: 978-85-93181-07-8

CDD-981.61

Índices para catálogo sistemático:

1. História



Autor: Gilberto Abreu

Coordenador de Obra: Enzo Brena

Ilustração: Adalberto Gonçalves, Carolina Melo Navarro e Rândreo Maximiano

Diagramação: Mariane Mesquita e Tathiane Fernandes

Prefácio

A cada vez que a gente atinge um patamar, as pessoas pensam “que sorte!”, e eu penso em todo o caminho que foi necessário para estar aqui. A memória é aquilo de mais importante que nós temos. Ao longo de nossa vida, tudo aquilo de material que conquistamos podemos perder, menos o que aprendemos e vivenciamos, as memórias permanecem conosco para sempre. Seja como indivíduos ou como sociedade, aquilo que fizemos no passado é o que constitui o que somos hoje. Um povo que não se lembra de sua história, não conhece sua cultura, não reconhece sua identidade. A memória é uma de nossas heranças culturais mais valiosas, que devem ser preservadas com afincos e atenção.

Preocupados com a preservação da memória de nossa cidade - Ribeirão Preto - pusemo-nos a trabalhar para preservá-la, e tínhamos em mãos o material exato para essa tarefa: o grande trabalho historiográfico do professor Gilberto Abreu para a rede de TV Thathi Ribeirão Preto, Lugares de Memórias. Apresentando locais históricos de nossa cidade, um sucesso na programação local.

Em busca de ampliar a preservação de nossa memória, nada mais adequado que transpor a palavra falada da televisão para a escrita das páginas de um belo livro. Assim nasceu a ideia de criar Ribeirão Preto - Lugares de Memórias - Locus e Personae, grande presente à nossa cidade e todos nossos habitantes. As próximas páginas retratam, por meio das crônicas de Gilberto Abreu, as pessoas e lugares que marcaram a história de nossa cidade. Preservar nossa história é guardar nossa cultura, explorar as marcas do passado é respeitar o presente e compreender como construir um futuro melhor, mais próspero e belo. Com isso, entregamos à Ribeirão Preto o resultado final desse intento de resgate, de lembrança, uma marca eterna das memórias coletivas que construíram nossa cidade, que edificaram um futuro de riquezas e alegrias, que construíram nossa cultura.

Ribeirão Preto, Novembro de 2018

Chaim Zaher

“LUGARES DE MEMÓRIAS”

“Pudesse eu rasgar a noite, alumniá-la num clarão de vela.”

Coloquei este verso na abertura de um dos meus livros de poemas, algumas décadas atrás. Até hoje, está à espera de outros que o acompanhem. Em breve, se encontrarão. E outro poema surgirá. Gaston Bachelard, o notável filósofo francês, nos advertia: *“Quem acha sem procurar é quem longamente buscou sem encontrar.” O celebrado autor da “Poética do Espaço” nos legou também “A Chama de uma Vela”, onde nos inspira: “Que vejo eu, tu e todos, numa vela? É um fascínio. É a luz acesa, ... num quarto escuro, ... em noite cerrada ..., fala-nos de solidão. Remete-nos para o nosso passado de histórias encantadas. Transporta-nos para um outro mundo, o da imaginação e olhando lá bem no fundo ficamos á espera que o sonhador noturno, ou desesperado diurno, apague a luz e vá descansar num sono profundo. (...)”*

Essa metáfora nos acode a entender o Projeto “Lugares de Memórias”.

Originalmente, é justo esclarecer, tem como referência o monumental trabalho do historiador, também francês, Pierre Nora. Assim descrito pela pesquisadora Armelle Enders da Universidade Paris IV: “Les lieux de mémoire” é importante sob todos os aspectos: pela dimensão material da obra (em torno de 6.000 páginas), pela duração do trabalho (dez anos), pela qualidade e diversidade dos historiadores envolvidos, pelo conteúdo inovador (não somente no que diz respeito ao projeto global, mas também a um bom número de artigos isoladamente, enfim, pela reflexão que suscita sobre a Nação francesa. (2003, p. 128-137)

Na descrição feita pelo próprio historiador: *“Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar a incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. (...) se em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. (...) Tudo o que é chamado hoje de memória não é portanto, memória, mas já história. Tudo o que é chamado de clarão de memória é a finalização de seu desaparecimento no fogo da história. A necessidade de memória é uma necessidade de história.”*

A princípio, vieram os Programas de televisão. Uma das experiências mais gratificantes da minha vida profissional. Não só pela novidade, mas pelas descobertas. Também, pela agradável oportunidade de contatar pessoas dos mais diversos afazeres e misteres. E pela profusão de tão variados temas e assuntos, todos eles inspiradores. Depois, surgiu a ideia de transformá-los em livro, que contou com a imediata e benfazeja acolhida da Presidência do Instituto. O que exigiu o trabalho complementar de transmutar em palavras as belíssimas imagens exibidas.

O filósofo Paul Ricoeur nos lembra: “o homem é a alegria do sim na tristeza do finito.” Tive esse sentimento ao flunar pelas ruas da cidade e perceber que a maioria das pessoas que por elas caminham veem os lugares, porém não os enxergam na devida conta. Já que não há “memória espontânea” torna-se necessário reavivá-la, descortiná-la, ou então, desmascará-la. Senão, desnudá-la.”

Se o esquecimento é uma noite escura, cabe-nos “alumiá-la num clarão de vela.”

Assim, peço licença de usar as palavras do escritor e jornalista uruguaio, Eduardo Galeano, para apresentar-lhes a nossa agradabilíssima aventura:

“Os cientistas dizem que somos feitos de átomos, mas um passarinho me contou que somos feitos de histórias.”

Professor Gilberto Andrade de Abreu, na Primavera de 2018.

Pego nas mãos de Carlos Drummond de Andrade e sigo linha após linha, palavras sobrepostas, frases concluídas para expressar, no limite que o texto me apresenta, o valor que esta obra tem ao colocar em destaque os Lugares de Memória da cidade de Ribeirão Preto. O poeta que acompanho escreveu que “Amar o perdido deixa confundido este coração. Nada pode o olvido contra o sem sentido apelo do Não. As coisas tangíveis tornam-se insensíveis à palma da mão, mas as coisas findas, muito mais que lindas, essas ficarão”. E quando ficam é na memória que habitam.

Longe de ser simplesmente um elo de ligação entre os tempos passados e o hoje, muitas vezes um lugar de memória marca a resistência necessária para se chegar ao futuro. Guarda em si uma multidão de histórias que assevera não haver lugar para vidas desconexas. Ninguém chega ao tempo que está por vir sem ter passado pelo presente. E a volta só é permitida quando a memória sobrevive.

Lugares de Memória é quando a vida humana dá significado ao concreto; empresta sentido à sirene; enche de emoção uma rua; reflete no espelho antigo, histórias de gerações; conserva hábitos e costumes; escancara o que ninguém consegue esconder: o tempo que passou.

Ribeirão Preto sempre foi uma cidade exibida. Nunca se contentou com menos. Capital do Café, tendo sido a maior produtora do mundo; da Cultura, quando tinha dois enormes teatros, no coração do município, um voltado para o outro; do Agronegócio, com sua concentração na zona urbana, da força do homem e da mulher rural. Cada fase, ainda que passada, pode ser revisitada. Uma ida à Estação do Barracão, no bairro do Ipiranga e lá está, entre outras coisas, o lugar da memória italiana. As ruínas da antiga fábrica de tecido Cianê Matarazzo guardam mais que blocos quebrados, vidros retorcidos, telhas que não cobrem. O espaço lembra as centenas de casamentos que ali surgiram entre os que na indústria trabalhavam. O prédio da Santa Casa, na avenida principal dos Campos Elíseos, ocupado por quem precisa de ajuda, revela a benevolência dos seus doares, imigrantes que para cá vieram fugindo de uma guerra que não era deles. Do outro lado, acanhada for fora, dona de afrescos de riquíssima beleza por dentro, a casa antiga da rua Caramuru é o lugar da memória que marca o movimento do rural para o urbano. Sua frente para o sítio, suas costas para a rua. E lugares não faltam, como visível nas páginas que seguem. Um a um, visitados pelo professor que ensina a história a partir do coração, eles contam muito de quem somos. Em alguns espaços, a memória grita, rebelde pela desatenção, em outros, como a da antiga cervejaria, só é possível ouvir aplausos, assovios e música de comemoração. O presente está habitando o lugar da memória e a festa é para todos que quiserem se confraternizar com essa iniciativa do bem pela cultura.

A fábrica que fez bebida, agora produz conhecimento, oferece oportunidades, celebra a mocidade, faz conexões com os olhares voltados para o futuro. Quem entra se encanta. Há quem pergunte: como pode? No lugar onde mora a memória, mora ainda a felicidade, boa energia, coragem e muita comunicação.

O exemplo é dos melhores. Preservar, inovando. Requalificar, utilizando. Restaurar, colorindo. Proteger, ocupando. E que o modelo se multiplique. Que os espaços onde habitam o vazio, sejam tomados por novas perspectivas, pois é assim que a história vence e o futuro ganha solidez. Não existe segundo sem primeiro. Ninguém aprende sem saber. A noite não vem antes do dia. O futuro não chega até que metamorfoseado de presente. E nem um, nem outro, se coloca erguido, sem que o tempo tenha ido.

A festa que este livro imprime mostra o melhor caminho. Entre os convidados, lembrados em fotos e desenhos, ilustres personagens da cidade. Ninguém chegará à página final sem se ver. Aqui ou ali, as memórias que esta obra suscita são de todos que acreditam que a vida é bem melhor quando muito bem vivida, afinal, a memória é dádiva de quem viveu.

Adriana Silva

Sumário

01 *Cervejaria
Paulista*

08

02 *Trenzinho
Caipira*

22

03 *Palacetes
Históricos*

38

04 *Cinelândia
Ribeirão*

52

05 *Pelas ruas
da Cidade*

66

06 *Edifício
Diederichsen*

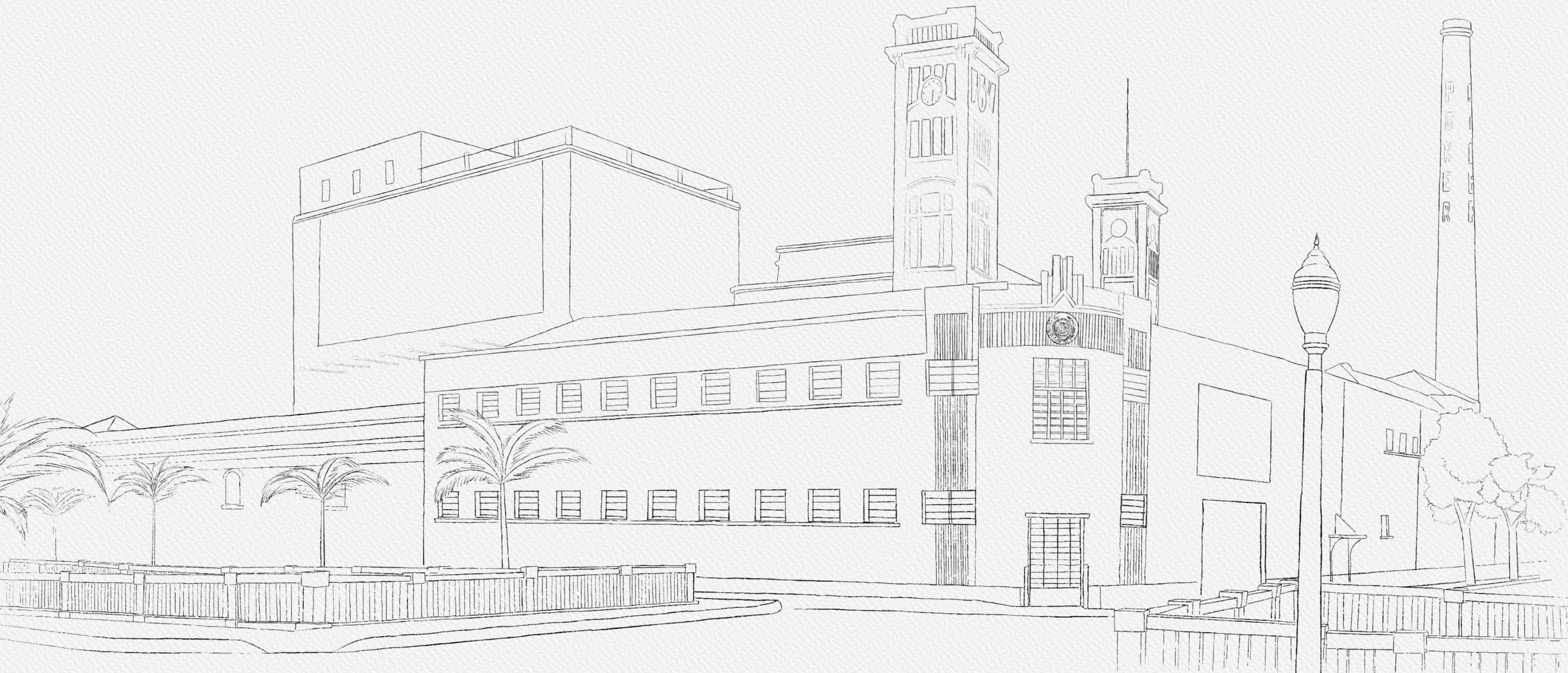
78

07 *Quartirão
Paulista I*

90

08 *Quartirão
Paulista II*

104



Ah, a boa cerveja! Tal qual o vinho francês, o scotch escocês, as “ales” inglesas, poucas bebidas integram tão bem a cultura brasileira como uma leve cerveja. Em todo Brasil, com suas proporções continentais, a maravilhosa cervejinha gelada no boteco de esquina aos fins-de-semana é quase como um ritual, uma congregação de paixões. Poucos ambientes são tão democráticos, descontraídos, palco de profundas discussões existenciais, políticas, sociais ou cotidianas, como uma boa mesa de bar recheada de amigos.

Porém, não só de sabor se faz a cerveja: assim como se mistura, à água, o malte para fazer tal bebida, também sua história em nossas terras se mistura, movimenta, em conjunto com o desenvolvimento de nossa terra. Que seria de nossa linda Ribeirão Preto sem o desenvolvimento econômico, cultural, estrutural provido pela ação das grandes cervejarias nos idos anos do passado? De bares a teatros, de praças a hotéis, o mercado da cerveja e seus produtores, com destaque à magnífica COMPANHIA CERVEJARIA PAULISTA, deram seu contributo inequívoco ao desenvolvimento e estruturação de nossa bela terra. Trouxe a indústria, fomentou o desenvolvimento, gerou empregos, construiu ruas e redes de distribuição de água. Passado o momento do café, talvez nenhuma produção tenha trazido mais acréscimos ao interior paulista como o fez a boa cerveja.

Como senhora cíclica do tempo, a história vem a se repetir. Hoje, em outro pleno período de desenvolvimento, é a cidade que se presta a possibilitar a estruturação do mercado cervejeiro. Nas últimas décadas, com o grande desenvolvimento do terceiro setor e da indústria de nossa cidade, abriram-se as portas para mais de uma dezena de micro-cervejarias que, hoje, trazem novamente à Ribeirão renome nacional e internacional.

Portanto, nada mais justo, ao nos debruçarmos sobre a história de Ribeirão, que comecemos justamente pela história de uma das maiores indústrias de nossa cidade. Uma indústria que tanto trouxe alegrias, promoveu momentos de descontração, de interação, integração, como promoveu nosso desenvolvimento econômico, cultural, estrutural. A história de Ribeirão e da CERVEJARIA PAULISTA se fundem ao longo do tempo, vejamos, portanto, de que maneira se dá essa maravilhosa mistura entre cidade e indústria, entre cultura e economia, entre paixão e política.

01 Cervejaria Paulista

A cidade da boa cerveja

“Um bom poema é como uma cerveja gelada quando você está mais a fim, um bom poema é um sanduíche de presunto, quando você está faminto, um bom poema é uma arma quando os bandidos te cercam, um bom poema é algo que te permite andar pelas ruas da morte, um bom poema pode fazer a morte derreter feito manteiga, um bom poema pode enquadrar a agonia e pendurá-la na parede, um bom poema pode fazer seu pé tocar a China, um bom poema pode fazer você cumprimentar Mozart, um bom poema permite você competir com o diabo e ganhar...”

Charles Bukovsky (1920-1994)

A CIDADE DA BOA CERVEJA

É COMO UM BOM POEMA, e que cidade SERIA ESSA?

Pilsen, na República Tcheca? Munique? Amsterdam? Londres? Seria a Údine, de Luigi Moretti? Ou a belga Louvain? Sim, todas elas a são.

ACRESCENTEMOS, PORÉM, MAIS UM VERSO NO POEMA:

RIBEIRÃO PRETO.

A sua tradição cervejeira começa ainda no século XIX. Naquela época, era bastante comum a sua fabricação em pequenas unidades familiares. Mas, a chegada do imigrante Quarto Bertoldi dá início a uma produção de maior escala. Associando-se a outro oriundi, Salva-

tore Livi, e agregando unidades menores pertencentes a João Bernardi & Irmão, João Bertoni e Ernesto Esquibole, eles criam a Cervejaria Livi & Bertoldi que veio a produzi-la com alta fermentação, além dos licores e xaropes. Instalaram-se na entrada do Núcleo Colonial Antonio Prado (antigo Barracão, hoje Ipiranga) onde começa a Rua Capitão Salomão. Em 1900, ali se constituía um eixo de comércio e pequenas indústrias, os seus produtos logo alcançariam prestígio e consumo ampliado, tornando-se uma referência simbólica associada à cidade.

A primeira premiação logo viria. Já em 1901, a cerveja Mulatta foi destaque na primeira Exposição Regional Agrícola, a consagração se deu em 1908, quando alguns de seus produtos - notadamente as cervejas - foram premiados na Exposição Nacional do Centenário da Abertura dos Portos Brasileiros, realizada no Rio de Janeiro. Essa empresa pode ser considerada a primeira a dar a Ribeirão a justa fama da cidade da boa cerveja. O que nos leva à lembrança da mítica Lei da Cidade de Augsburg (1516) que prescrevia: “vender uma cerveja ruim é um crime contra o amor cristão.” Providencialmente, por conta do calor intenso, os primeiros imigrantes preferiram a cerveja e não o vinho. Pois, logo descobriram que até o verão passa o inverno por aqui...

As Grandes CERVEJARIAS

Voltemos ao passado. Reza a lenda que o Dr. Meira Júnior, jurista e advogado bem sucedido, teve a ideia de criar uma cervejaria de grande porte. Curiosamente, no exato momento em que corria a festança de inauguração da Antártica, no distante ano de 1911.

Entre uma caneca e outra, dizem as boas línguas, ele acercou-se da janela superior da fábrica e vislumbrou uma grande área ainda vazia, quase defronte, na Avenida Jerônimo Gonçalves. Não teria tido uma pretensão desmedida, a de vir a concorrer com uma empresa já consolidada na capital? Petulância ou não, foi o que se sucedeu em seguida com a criação da Paulista.

Formou-se, então, um grupo de empreendedores. Depois de muitas reuniões na sede da Sociedade Dante Alighieri, a primeira Diretoria foi composta pelo Dr. Meira Júnior, que

passou a presidi-la, além de Alfio Messina designado como Gerente -depois substituído por José Rossi - e a direção técnica do mestre cervejeiro, Hans Scherholz. O início da produção se deu na fábrica que instalaram na esquina das ruas Visconde do Rio Branco e Barão do Amazonas. Corria o ano de 1913.

Os negócios se desenvolveram de tal forma que resolvem edificar uma nova fábrica, dotada de maiores proporções. Para tanto, convocam o hábil construtor Baudílio Domingues, um prático licenciado que ergueu dezenas de moradias na cidade, o mesmo que provocava

a reação de engenheiros formados, enciumados pela sua ousadia. Em pouco mais de um ano foi erguida a imponente fábrica da Paulista que pelas décadas seguintes conseguiu a proeza de rivalizar com a poderosa vizinha vinda da capital. E bem defronte.

ESSA MAGNÍFICA EDIFICAÇÃO, AINDA HOJE INTEIRAMENTE PRESERVADA, É A ATUAL SEDE DO INSTITUTO SEB.

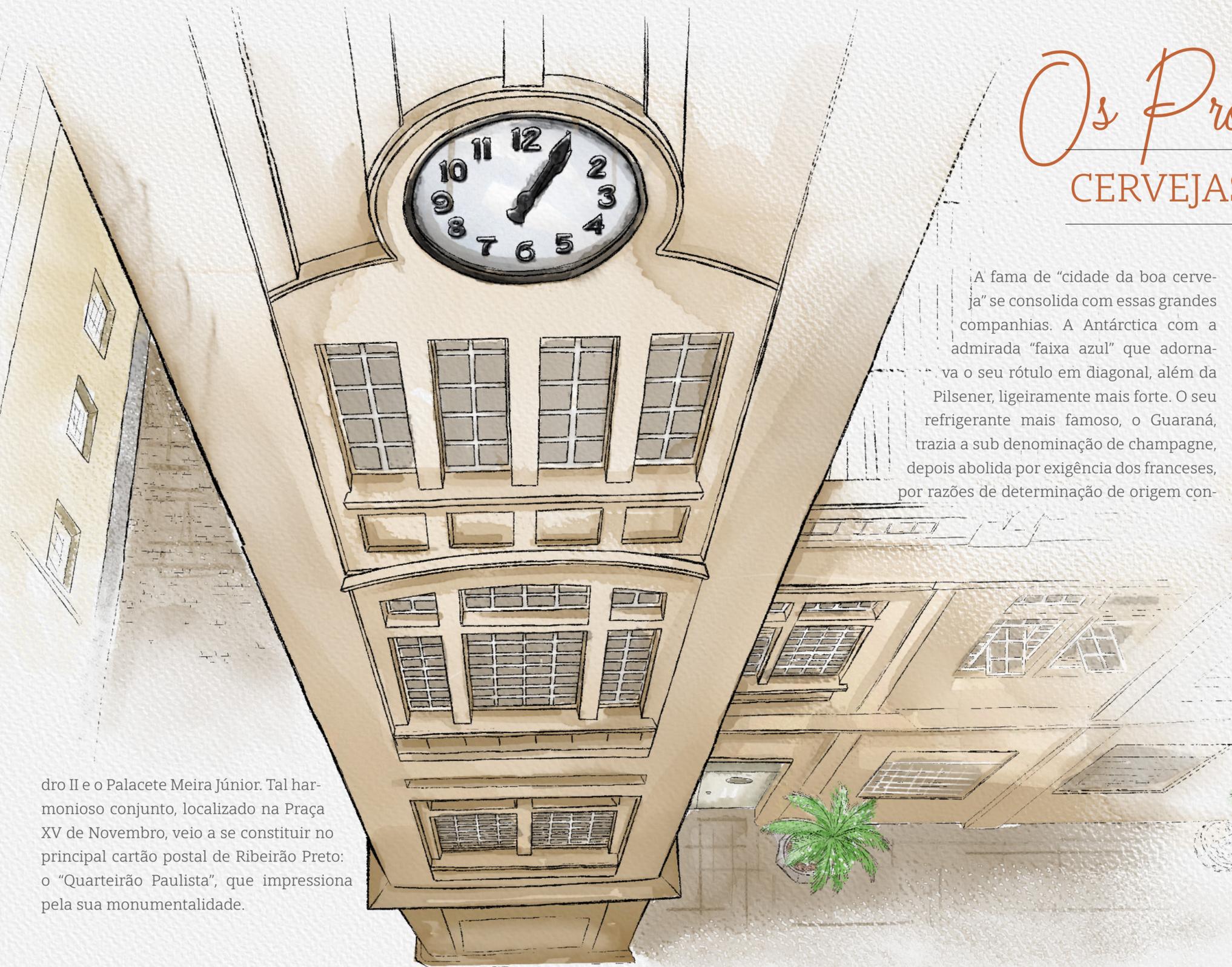


Seguem-se décadas de contendas. A primeira delas, que provocou discussões e disputas políticas, referia-se à utilização das águas do ribeirão Preto. A Antártica gozava de um privilégio de seu uso exclusivo pelos vinte anos seguintes. Porém, a Comissão de Justiça e obras do Município autorizou a Paulista a fazê-lo, além de permitir que o encanamento atravessasse a Avenida quando da inauguração de suas novas instalações, em Abril de 1914. O monopólio foi quebrado. Tal fato revelou a estrutura coronelista do poder local e iria aguçar a rivalidade.

Cada Companhia engendrava formas e meios de dominar o mercado consumidor. A Antártica impôs a exigência de exclusividade para a venda de seus produtos nos diversos estabelecimentos, cassinos, bares e casas noturnas, o que, no entanto, não produziu os efeitos esperados. Porém, a mudança de estratégia ao gratificá-los, sim. O fornecimento de geladeiras, bônus na forma de produtos e até investimentos em reformas e melhorias, fizeram com que a empresa arrebatasse fatias cada vez maiores de clientes da concorrente. Além disso, a Companhia promoveu o investimento na especialização de seus funcionários, muitos deles levados a estágios profissionais no exterior, notadamente na Alemanha.

Por seu lado, os dirigentes da Paulista perceberam que o crescimento urbano lhes permitia investimentos vultosos em construções imobiliárias. Depois da compra do Hotel Central, iriam construir, junto desse, o principal marco arquitetônico da cidade, o Teatro Pe-

dro II e o Palacete Meira Júnior. Tal harmonioso conjunto, localizado na Praça XV de Novembro, veio a se constituir no principal cartão postal de Ribeirão Preto: o “Quarteirão Paulista”, que impressiona pela sua monumentalidade.



Os Produtos

CERVEJAS E REFRIGERANTES

A fama de “cidade da boa cerveja” se consolida com essas grandes companhias. A Antártica com a admirada “faixa azul” que adornava o seu rótulo em diagonal, além da Pilsener, ligeiramente mais forte. O seu refrigerante mais famoso, o Guaraná, trazia a sub denominação de champagne, depois abolida por exigência dos franceses, por razões de determinação de origem con-

trolada de seus vinhos e derivados, tal como a expressão “cognac”.

Ao longo do tempo, a Paulista lançou diversas marcas: Sterlina, Khronos, Crystalina, Caraboo, Zurê, Nozbire (preta doce) e, especialmente para os mineiros, a Zebu e a Triângulo. Viriam a ser substituídas com o lançamento da Trust, que existiu por décadas.

CONTUDO, SUAS CERVEJAS QUE FICARAM CONSAGRADAS FORAM A POKER E A NIGER. A POSTERIOR, RECONHECIDA COMO A MELHOR CERVEJA ESCURA DO PAÍS.

Sua propaganda anunciava: “nem doce, nem amarga”, revelava o seu perfeito equilíbrio. Aliás, até hoje clamam pelo seu retorno. Os seus nomes ainda estampam a chaminé do conjunto cervejeiro e a população não as esquece. Algo semelhante ao Guaraná Paulista, mais adocicado que o da concorrente e igualmente apreciado. Hoje, repousam, apenas, na memória coletiva dos ribeirãopretanos.

Essa rivalidade chega a seu fim em 1973, com a fusão das duas Companhias, nascendo a Companhia Antártica Niger, garantia de união entre as marcas das cervejas mais famosas.

A CHAMINÉ

Duas colossais construções marcam a paisagem nas margens do ribeirão Preto. A enorme caixa d'água em concreto armado da Cia. Antártica e a chaminé da Paulista. Ambas erguidas pela empresa Irmãos Terrieri S/A, Oscar e Octávio, além do pai, Nicolau. *“Era alta daquele jeito para não poluir os arredores”*, lembrou o Sr. Oscar numa entrevista à imprensa local. As magníficas obras foram tombadas pelo Patrimônio Histórico e perpetuam seus nomes, em concreto e tijolos. As marcas Poker e Niger permanecem inscritas em azulejos na chaminé da antiga Cervejaria.



A SIRENE

Permanece na memória de muitos, o som que marcou o tempo dos habitantes. A cada troca de turno, soava a sirene da Paulista. Às seis da manhã, acordando a todos, ao meio dia, anunciando o almoço e às 18 horas, abrindo a noite. Àquela época, esse relógio sonoro pautava o dia de trabalho, além de avisar que o descanso era necessário. Saboreando uma dessas cervejas, por gosto e devoção.

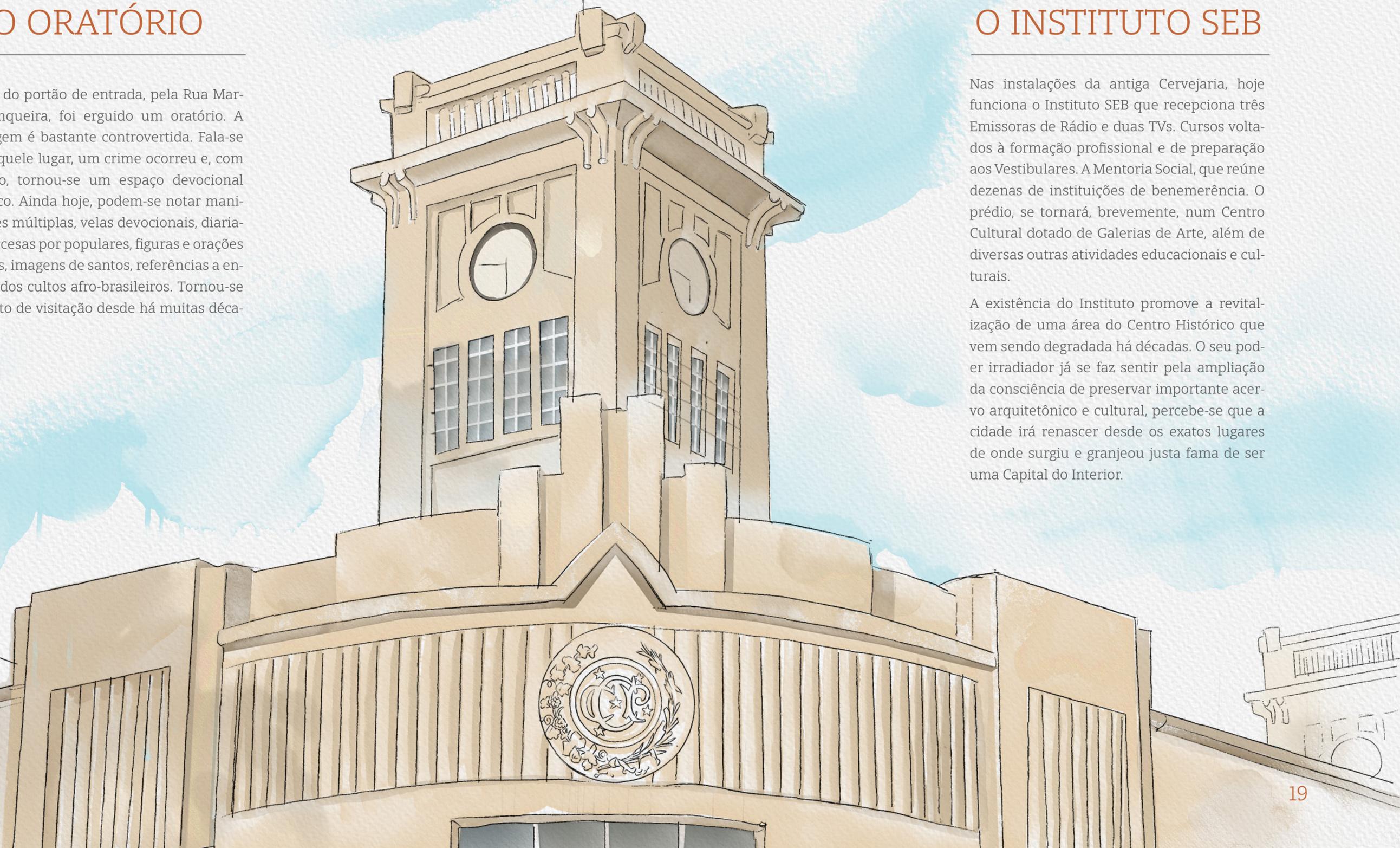
O ORATÓRIO

Ao lado do portão de entrada, pela Rua Mariana Junqueira, foi erguido um oratório. A sua origem é bastante controversa. Fala-se que, naquele lugar, um crime ocorreu e, com o tempo, tornou-se um espaço devocional sincrético. Ainda hoje, podem-se notar manifestações múltiplas, velas devocionais, diariamente acesas por populares, figuras e orações católicas, imagens de santos, referências a entidades dos cultos afro-brasileiros. Tornou-se um ponto de visitação desde há muitas décadas.

O INSTITUTO SEB

Nas instalações da antiga Cervejaria, hoje funciona o Instituto SEB que recebe três Emissoras de Rádio e duas TVs. Cursos voltados à formação profissional e de preparação aos Vestibulares. A Mentoria Social, que reúne dezenas de instituições de benemerência. O prédio, se tornará, brevemente, num Centro Cultural dotado de Galerias de Arte, além de diversas outras atividades educacionais e culturais.

A existência do Instituto promove a revitalização de uma área do Centro Histórico que vem sendo degradada há décadas. O seu poder irradiador já se faz sentir pela ampliação da consciência de preservar importante acervo arquitetônico e cultural, percebe-se que a cidade irá renascer desde os exatos lugares de onde surgiu e granjeou justa fama de ser uma Capital do Interior.





Persona

JOÃO ALVES MEIRA JÚNIOR

Natural de Barra do Piraí (RJ), onde nasceu em 1875. Depois de graduar-se na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, na capital, mudou-se para Ribeirão Preto em 1895, onde desenvolveu uma muito bem sucedida carreira como jurista e advogado, além de ter-se transformado em um de seus maiores empreendedores. O seu nome é indissociável da Cervejaria Paulista, que ajudou a fundar em 1914, e pela construção do principal conjunto arquitetônico da cidade, o “Quartelão Paulista”, composto pelos edifícios do atual Centro Cultural Palace – antigo Hotel Central – e pelo Teatro Pedro II e o Palacete que leva o seu nome. Teve intensa participação política até o estabelecimento do Estado Novo, em 1937. Afastando-se da cena pública veio a dedicar-se aos seus negócios, sobretudo na Cervejaria, até a sua morte em 1952.



Ao falarmos sobre a história do interior paulista é preciso destacar a vital importância da Estrada de Ferro. Como uma espinha dorsal que transportava as riquezas produzidas no interior do país para os centros de exportação, as estradas de ferro sustentaram a economia paulista em um momento de estruturação. Dos idos tempos das marias-fumaça, em verdade, pouco sobrou, só saudades do passado em trilhos abandonados e estações fantasmas.

Quem, hoje, as vê, pouco pode imaginar da glória e do poder das estradas de ferro em seu tempo. À época que não haviam carros, eram os trens que traziam o progresso, e também, por seus vagões, vieram os novos brasileiros de outras terras. Italianos, Japoneses, Alemães, Franceses e tantas outras etnias e culturas que forjaram com os oriundi nosso desenvolvimento.

Ribeirão entrou de vez no mapa do Brasil, como região de centralidade, importância e respeito, foi o maior produtor mundial de café. De mulas, como era feito o transporte, pouco podia-se produzir, pois pouco podia-se levar, mas com a tremenda tecnologia das Estradas de Ferro, logo o interior paulista encheu-se de cidades, de culturas, de vidas. Tamanha foi sua importância para nosso interior que, até hoje, se vê em nossas cidades as marcas dos idos tempos do ferro e vapor. Quantas cidades ainda são cortadas por seus imponentes trilhos e barracões, hoje em sua maioria abandonados, deixados ao relento?

Ainda assim, resistem. Tal qual ecos de um passado promissor, para um momento em que novas culturas, saberes e formas de viver chegavam diuturnamente por essas bandas. Como reflexos de uma verdadeira era dourada, os trilhos da Mogiana ainda podem ser vistos em nossa cidade, de cima, como que cortando o que hoje é Ribeirão. Caminhos pelos quais chegou à nossa bela terra, todo progresso, riqueza econômica, cultural e social.

Recordemos, então, os tempos do café, dos grandes TRENDS DA MOGIANA.

02 *Trenzinho Caipira*



Lá vai o trem com o menino
Lá vai a vida a rodar
Lá vai ciranda e destino
Cidade e noite a girar

UMA VIAGEM
de trem
OS MAIS ANTIGOS,
POR CERTO, DEVEM
SE LEMBRAR.

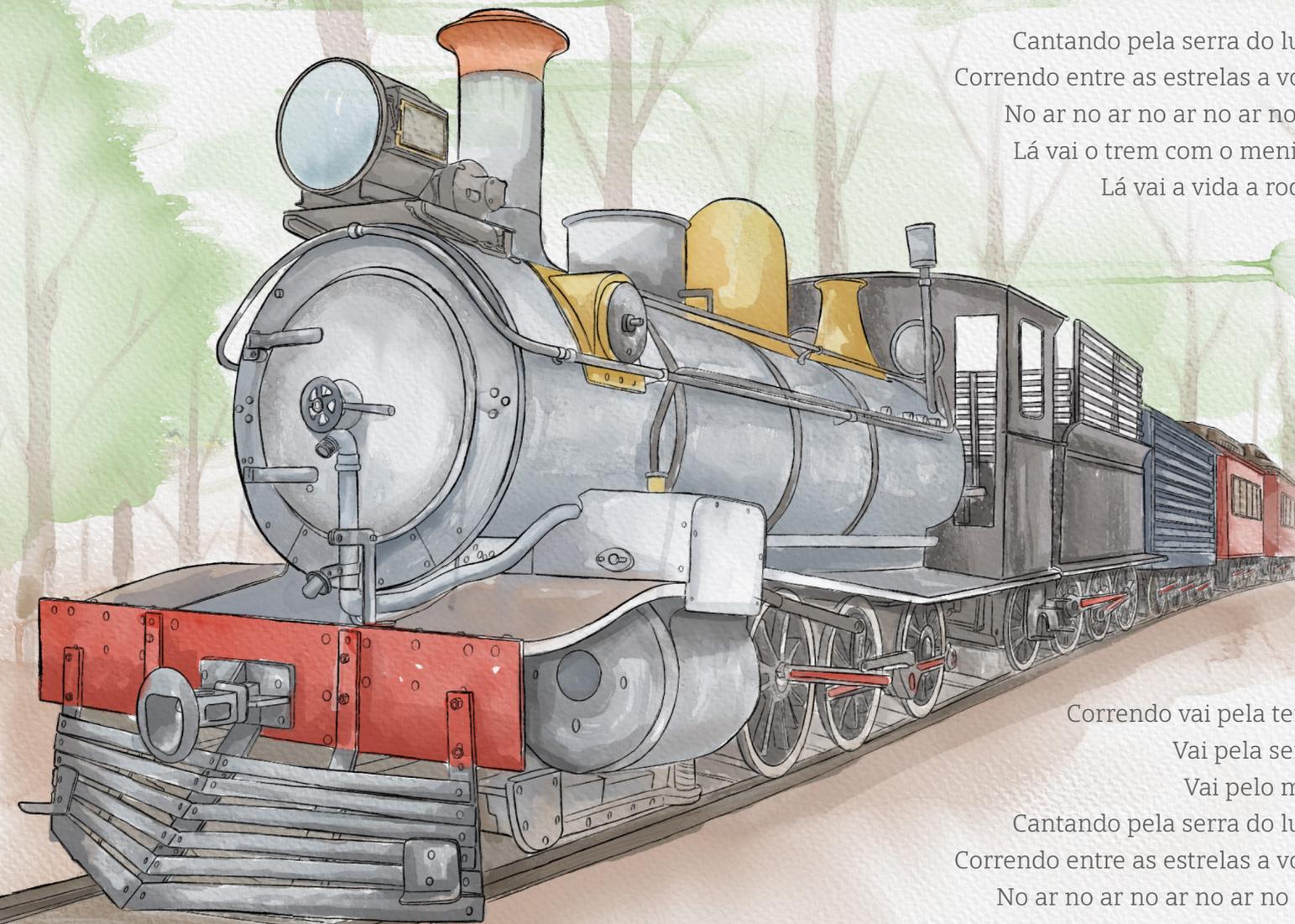
Dos agradáveis sacolejos que provocava e vinham acompanhados de variadas sensações, como a de ver as fagulhas como minúsculas estrelas cadentes que enchem o ar. De perceber o canudo de fumaça a seguir a composição dos vagões em comboio. A de observar a paisagem que parecia correr ao contrário, na sucessão de árvores, pastos, casinhas, pessoas e animais, se mostrava como num filme visto das janelas, sendo deixados pra trás. O barulho cadenciado das rodas nos trilhos, captados magistralmente na música de Villa-Lobos e nos versos de Ferreira Gullar:

Lá vai o trem sem destino
Pro dia novo encontrar
Correndo vai pela terra
Vai pela serra
Vai pelo mar

NÃO VAI MAIS.
SÓ FICOU
a nostalgia
DECISÕES
POLÍTICAS
EQUIVOCADAS
EXTINGUIRAM AS
NOSSAS FERROVIAS.

Rematada burrice de sucessivos governos desgovernados. Ao invés de terem acrescentado novas modalidades de transporte, eliminaram a que existia e que foi responsável pelo maior período de crescimento contínuo da economia nacional. Décadas de investimento jogadas fora.

Cantando pela serra do luar
Correndo entre as estrelas a voar
No ar no ar no ar no ar no ar
Lá vai o trem com o menino
Lá vai a vida a rodar



Correndo vai pela terra
Vai pela serra
Vai pelo mar
Cantando pela serra do luar
Correndo entre as estrelas a voar
No ar no ar no ar no ar no ar]

O Mundo DA FERROVIA

Se a História do Capitalismo se confunde com a História da Inglaterra, dois de seus componentes, a indústria e o poder bancário, ali se conjugaram. Fabricavam e instalavam ferrovias e seus bancos as financiavam. Em todo o planeta. Forjaram, assim, o British Empire. O maior de que se tem notícia.

Dois exemplos o ilustram. O primeiro é o dos Estados Unidos. A visão de estatista de Abraham Lincoln o levou a criar um mote *Uniting States of America*, em tradução livre, Unindo os Estados da América. Realizou o sonho de Jefferson que havia proferido que um dia eles se banhariam no Pacífico, "we have a golden dream...". Desde a sua

posse, em 1862, propiciou a construção da maior ferrovia da época, a *Union Pacific Railway*. Transcontinental, que, ainda hoje, une o litoral Atlântico ao Pacífico. Com os seus mais de 4.000 km de extensão, se tornou o eixo de ocupação do vasto território daquele país.

Tendo a maior malha ferroviária do mundo, mais da metade de suas cargas é transportada por seus trilhos.

O segundo, quase semelhante, é o do Canadá, suas, também gigantescas, ferrovias, a *Trans Canadian* e a *Trans National* se estendem por mais de 6.000 km, cruzando o país de ponta a ponta. Todas financiadas por Bancos britânicos.

Podemos aduzir outros casos, como o da Rússia. Seus últimos czares ousaram ligar o Continente europeu ao Extremo Oriente com a *Transiberiana* que termina defronte ao Japão com os seus impressionantes 10.000 km de extensão. Veja-se, também, a densa malha ferroviária europeia. E a de tantos outros países, Japão, Índia, China...

No Brasil, foi diferente. Seguindo a sua tradição de dependência, as ferrovias brasileiras, construídas nas últimas décadas do

século XIX, geralmente partiam de um determinado ponto do litoral para outro no interior. Diferentemente dos exemplos citados de outros países de grande extensão territorial, as ferrovias brasileiras não foram concebidas como linhas integradoras, próprias de mercados internos robustos. Serviam à exportação de bens primários, agrícolas ou minerais, revelando uma extroversão econômica, ainda hoje não superada.



O Café E A FERROVIA

O empobrecimento das terras do Vale do Paraíba, entre São Paulo e o Rio de Janeiro, levou Monteiro Lobato a escrever em seu livro *Cidades Mortas*: “onde tudo foi e nada é:



não se conjugam verbos no presente. Tudo é pretérito... cidades moribundas arrastam um viver decrépito. Gasto em chorar na mesquinhez de hoje as saudosas grandezas de dantes". Enquanto essa região jazia na decadência, a prosperidade mudava de lugar, em direção ao Oeste paulista.

Ao contrário dos solos rasos do Vale, o interior paulista é recoberto por latossolos vermelhos, férteis e profundos, que os imigrantes italianos denominaram de terra rossa, ou seja, terra vermelha, algo que os ouvidos locais entenderam como terra roxa. E assim ficou. Por obra das pesquisas de um médico, Dr. Luiz Pereira Barreto, em 1875, foi desenvolvido um tipo de café de alta qualidade, que ele mesmo denominou de Bourbon. O seu cultivo em larga escala viria a fazer de Ribeirão Preto a Capital Mundial do Café.

O crescimento da produção cafeeira iria provocar a chegada das ferrovias. Diversas linhas foram construídas, interligando todo o Estado de São Paulo à capital e aos portos litorâneos, notadamente o de Santos. Uma das mais importantes foi a Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, criada em em Campinas, 1872. Nas décadas seguintes, os seus trilhos já atingiam o Triângulo Mineiro e o Sul e Sudoeste de Minas Gerais. Chega a Ribeirão Preto, no final do ano de 1883.

Pode-se afirmar, sem nenhuma contestação, que a implantação de tantas ferrovias significou uma verdadeira revolução econômica, com os decorrentes efeitos sociais e políticos. Nas primeiras décadas do século XX, dezenas de cidades floresceram, atraindo pessoas de outras regiões do país, além de uma onda migratória de estrangeiros, na sua grande maioria constituída de italianos, mas acompanhados de porções menores de espanhóis, portugueses, sírio-libaneses, alemães e japoneses.

Memória

SOTERRADA

Um exercício de imaginação. Se visualizarmos a cidade de Ribeirão Preto de cima utilizando um helicóptero, ou manipulando um drone, veremos que seu traçado urbano foi, irremediavelmente, alterado. Os trilhos dos ramais ferroviários foram recobertos de camadas de asfalto em suas ruas e avenidas. Longas cicatrizes soterradas pela insana escolha do modelo rodoviário. Ainda existe, sim, um ramal de cargas, além de mais de 30km de trilhos abandonados, em cujos leitos ocupações irregulares propiciam a proliferação de moradias precárias. Desde a primeira estação de passageiros, que se localizava na atual Avenida Caramuru, até a Praça Rotatória Amim Calil, perfazendo quase dois mil metros, havia um eixo ferroviário complexo dotado de estações de embarque, rotunda, que permitia a mudança de direção das locomotivas, armazéns e depósitos, oficinas mecânicas, dos quais nos resta apenas retalhos de memória e, no mais das vezes, sequer isso. Uma nova cidade foi erguida, em quase nada melhor do que a que existia... O passado foi coberto e esquecido.



O Trem

CAIPIRA

Ainda mais afastado da memória - a quase totalidade das pessoas jamais soube - é o fato de que dezenas de fazendas da região eram servidas por trilhos de bitola estreita. Uma modernização que substituiu os lombos de animais e os carros de bois, pelo trem. Algo equivalente ao que os ingleses fizeram na Malásia, com as suas plantações em linha de seringueiras margeadas por linhas ferroviárias. A produtividade foi tamanha que encerrou o Ciclo da Borracha na Amazônia brasileira, levada à ruína pela concorrência britânica. Essa eficiência produtiva repetiu-se aqui, com o café. Esses tortuosos caminhos de ferro, serpenteando pelas encostas dos morros e pelos baixios, que levavam coisas, trecos e gentes, foram, naqueles dias, o nosso trenzinho caipira.

Já em 1890, foi criada a Companhia Melhoramentos de São Simão pelo médico Jorge Cezimbra Fairbanks, que atendeu ao convite do Intendente Cláudio Louzada. Além de cuidar de obras públicas em diversas freguesias, ousou fazer a interligação de doze fazendas cafeeiras ao redor da cidade, utilizando, para isso, o Sistema Ferroviário Decauville.

Sistema Decauville:

Sistema de caminho de ferro de via estreita (bitola de 40 a 60 centímetros), que leva o nome de seu inventor, Paul Decauville (1846-1922). A via férrea era montada a partir de peças metálicas pré-fabricadas, facilmente desmontadas, transportadas e reutilizadas. A sua praticidade permitiu o carregamento de mercadorias, do café, em nosso caso, movidas por seu inovador material rolante em pequenas locomotivas, das fazendas até os depósitos de armazenamento.

O sucesso foi tamanho que outras linhas foram acrescentadas, notadamente a partir da correção de leitos realizada depois da estação de Bento Quirino e logo interligada à linha tronco da Mogiana e a Ribeirão Preto. Vencidas algumas disputas com alguns sócios, Jorge Fairbanks recebe uma vultosa proposta de investidores ingleses, dentre eles James Martin Stuart, volta a constituir uma sociedade anônima e é por eles contratado para continuar a assentar os trilhos até Minas Gerais. Foram instaladas várias paradas e estações, além da ponte metálica sobre o rio Pardo, trazida desmontada diretamente da Inglaterra.

O grande feito foi realizado no ano de 1912. Seus trilhos chegaram a São Sebastião do Paraíso, com a denominação que a consagraria, Ferrovia São Paulo e Minas. Depois de sucessivas trocas de seu controle acionário, o empreendedor se afasta e os ingleses assumem e mudam a sua denominação para

The São Paulo & Minas Railway Company. Enfim, 136 km uniram os dois Estados, o que provocou intensa troca de mercadorias entre esses. A principal delas, obviamente, a movimentação de cargas de café de superior qualidade.

Outro fato veio a atestar a capacidade empreendedora dos ribeirãopretanos. Em 1922, é criada a Companhia Eletro-Metalúrgica Brasileira, sob o arrojo de Flávio Mendonça Uchoa e outros, que dará uma nova utilidade à ferrovia. Instalado no bairro do Tanquinho, esse parque industrial necessitava de matéria prima, o minério de ferro. Compra, então, a ferrovia por 100.000 libras esterlinas, a fim de buscá-lo nas proximidades de São Sebastião do Paraíso, no município de Jacuí. Havia, então, uma crescente e forte corrente para transformar Ribeirão Preto em uma cidade industrial. Não é exagerado dizer que o era muito mais intensa do que, atualmente, é.



A crise de 1929 irá interromper tal onda progressista. A partir dali, a cidade viverá um longo período de estagnação e a própria ferrovia, envolvida em dívidas impagáveis, sofre uma intervenção estatal. Alguns anos depois, o alargamento da bitola estreita para a métrica, iria, quase, dobrar a sua capacidade de transporte de cargas. Sucessivas modernizações ainda ocorreram, incluindo a mudança para a tração a diesel.

A mudança na política nacional de transportes, a partir do Governo Kubitschek e do período militar, que privilegiou o sistema rodoviário, iria provocar o desmantelamento quase completo das linhas ferroviárias. Um equívoco histórico que causou uma enorme perda econômica, social e, por que não dizê-lo, afetiva.



Os imigrantes

Vindos de todos os quadrantes, milhões de pessoas vieram para o Brasil nas últimas décadas do século XIX e nas iniciais do século XX. Atraídos pelo crescimento econômico, no mais das vezes, iludidos por promessas vãs, essa plural e diversa riqueza humana veio a se somar aos, já miscigenados, brasileiros originais.

A grande maioria, no caso da nossa região, era formada de italianos. Pressionados pelas crises internas de toda ordem foram levados a emigrar. Estados Unidos, Argentina e Brasil foram os seus principais destinos. Em Ribeirão Preto, nas primeiras décadas do século XX, ultrapassavam, em número, metade da população. Por isso, deixaram a sua marca na cidade. Ainda hoje, se algum professor, em sala de aula, vier a pedir que seus alunos

levantem as mãos ao ser-lhes perguntado se têm origem italiana, por certo mais da metade o fará.

Desde o porto, as ferrovias os trouxeram. Na Santos-Jundiaí, pela Mogiana de Campinas a Ribeirão e pelos trenzinhos de bitola estreita às dezenas de fazendas de café. Depois dos traumas iniciais de adaptação, muitos deles se serviram de habilidades trazidas do país de origem e se integraram plenamente na sociedade brasileira. Tanto que o Brasil tem o maior contingente de italianos fora da Itália. Mesmo que o maior número deles tenha se dirigido aos Estados Unidos e à Argentina. Nos vestígios de memória que nos restam das antigas ferrovias, às margens das estações e trilhos abandonados, parece-nos ouvi-los a cantar, saudosos da pátria distante.

Dalla Italia noi siamo partiti
Siamo partiti col nostro onore
Trentasei giorni di macchina e vapore,
e nella Merica noi siamo arriva'.

Merica, Merica, Merica,
cossa saràlo 'sta Merica?
Merica, Merica, Merica,
Um bel mazzolino de fior.

E la Merica l'è lunga e l'è larga,
l'è circondata dai monti e dai piani,
e con la industria dei nostri italiani
abbiam formato paesi e città.

(canção do folclore italiano sobre poema de Angelo Giusti -1875)

Da Itália nós partimos
Partimos com nossa honra
Trinta e seis dias de carro e navio
E na América chegamos.

América, América, América
Que coisa será esta América
América, América, América
Um belo ramalhete de flores

A América é longa e larga
É rodeada de montes e planícies
E com o esforço de nossos italianos
Construímos vilas e cidades.



Personas

FLÁVIO MENDONÇA UCHOA

Um dos maiores empreendedores da História da cidade. Ligado a poderosas famílias locais, a princípio foi administrador da Fazenda Guatapará. Responsável pelo primeiro serviço de abastecimento de água e recolhimento de esgotos da área central, pelo calçamento e colocação de guias (1903), pela reorganização da Cia. de Força e Luz (1918) e o idealizador da Cia. Eletro-Metalúrgica Brasileira, sendo premiado por ter sido o primeiro fabricante nacional a atingir a produção de 5.000 T de aço por ano, chegando a fornecer as ferragens para a construção do Edifício Martinelli, em São Paulo. A Companhia adquiriu a Estrada de Ferro São Paulo e Minas, a fim de trazer o minério de ferro desde Jacuí no entorno de São Sebastião do Paraíso. Sonhava em dar a Ribeirão Preto uma projeção internacional na indústria, fato que somente as circunstâncias, poderosas e negativas, o impediram de concretizar. Inteiramente digno de ter a sua memória preservada, por exemplar que foi.

JORGE CEZIMBRA FAIRBANKS

Destacado médico e empreendedor. Originário da Bahia chegou à esta região, atraído que foi pela crescente riqueza e prosperidade. Criou a Cia. Melhoramentos de São Simão (1890), que prestava inúmeros serviços públicos em várias outras cidades, como Serra Azul, Cravinhos, Luiz Antonio e Santa Rosa de Viterbo. Empreendeu a construção da Cia. São Paulo e Minas, importante ferrovia de 136 km que ligava Bento Quirino (São Simão) a São Sebastião do Paraíso. Teve, também, destacada atuação quando da irrupção epidêmica de Febre Amarela, no final do século XIX. Foi uma das figuras proeminentes na História da região.



Muito podemos aprender sobre o hoje olhando para o passado. Vemos o que fomos, o que pensamos que seríamos, olhando com minuciosa lupa pelos trilhos da história, podemos entender de como as coisas hoje se dão. E qual a melhor maneira de refletir sobre esse passado se não com a materialidade do olhar, do sentir? Como documentos de nosso passado, ao longo de Ribeirão Preto podem se ver diversos monumentos dos idos tempos em que o café girava nossa economia, produzia riquezas das maiores do mudo, desenvolvia nossa cidade. Não só da era do café, mas passando pela riqueza da industrialização, eles resistem, para hoje nos lembrarem do que, fomos um dia.

Grande parte desses gloriosos monumentos dos idos tempos, hoje, desapareceram ou encontram-se abandonados. Porém, alguns desses, nos últimos anos foram restaurados. Hoje lá estão, como devidos representantes de seu tempo, das riquezas de um passado que já nos deixou. Analisando suas linhas, suas curvas e recurvas, seus cantos e recantos, podemos, por meio de sua arquitetura, receber uma verdadeira e material aula de história e arte, redescobriremos os anseios da sociedade da época. São monumentos à história, à cultura, ao passado, nos lembrando diariamente de onde veio nossa gloriosa Ribeirão Preto. Mais do que um dever, deveria ser um prazer para todos os ribeirãopretanos, empreender na exploração destas obras arquitetônicas, curvas do passado, conhecer as minúcias do tempo e seus efeitos em nossa cidade, desbravar as possibilidades do já ido para encontrar os caminhos do devir.

Conheçamos, então, a presente história do passado, por meio das estruturas erguidas pela riqueza e empreendimento de seus senhores, Os contos dos PALACETES HISTÓRICOS do centro. Por meio desses, que possamos descobrir os segredos do tempo, os abandonos do passado, para construirmos um melhor presente.

03 Palacetes Históricos



A poeta Portuguesa

FERNANDA DE CASTRO

CAMINHAR PELA
CIDADE NOS FAZ
DESCOBRIR

os lugares

ONDE O PASSADO
RESISTE, MAS
TAMBÉM ONDE ELE
FOI RISCADO DO
MAPA.

Edificações que foram superpostas às que ocupavam muitos daqueles espaços. Ruínas que atestam o descaso, aqui e ali. Outros, abandonados como se a ninguém pertencessem. Muitos nos levam a pensar como viveram os nossos antepassados. Caminhar pelos olhos. Ver e viver a cidade.

*“Não endreitem as paredes tortas
Nem desatem, da aranha, os finos laços.
Abram ao vento as desmanchadas portas,
Ouçam do tempo os invisíveis passos.*

*Deixem que durma, quieta, ao sol do Outono,
Velada pela flor, o vento, a asa.
Será talvez o derradeiro sono...
Que importa? Morra em paz a velha casa.”*

(Fernanda de Castro, in “Asa no Espaço”, 1955)

fala do desalento que nos provoca uma velha casa abandonada. Seria possível, ainda, ouvir o burburinho de seus antigos moradores? O riso, a fala e o pranto dos que ali viveram? O que foi feito dos ruídos domésticos, dos aromas, dos odores e dos cheiros? As palavras proferidas ainda ecoam nalgum desvão das escadas? “Ouçam do tempo os invisíveis passos.” Seu vazio e silêncio revelam, imaginariamente, a presença daqueles que foram e já não são... Infelizmente, os que hoje a habitam são os ratos, escorpiões, baratas e, possivelmente, alguns fantasmas...



Numa Cidade

VÁRIAS CIDADES

Em artigo que preenche uma lacuna na memória arquitetônica da cidade sobre edificações menos antigas, o arquiteto Fernando Gobbo Ferreira traça uma síntese da formação urbana de Ribeirão Preto e, apropriadamente, nos informa:

“A população mais rica da cidade se concentrava na área central, em uma dualidade residencial peculiar à fonte de suas riquezas: os abastados fazendeiros possuíam uma casa na fazenda e outra na cidade.”

“Os casarões e palacetes contrastavam com a arquitetura mais simples dos bairros vizinhos ao “quadrilátero central”, criados a partir da primeira área ocupada pelos imigrantes do outro lado do ribeirão Preto, o antigo Núcleo Senador Antônio Prado. Os bairros frutos desse núcleo urbano (Jardim Paulista, Campos Elíseos, Ipiranga, dentre muitos outros) apresentavam uma arquite-

tura residencial diferente da região central e do eixo de crescimento sul, pois foi construída pela própria população, assalariada e de baixo rendimento, na maioria das vezes sem a ajuda de um profissional com formação de nível acadêmico superior.”

E prossegue:

“Essa diferença arquitetônica residencial pode ser verificada ainda hoje. Enquanto as zonas norte e nordeste (habitadas inicialmente pelos imigrantes) apresentavam casas de características homogêneas e parecidas entre si,

AS CASAS LOCALIZADAS NA ÁREA CENTRAL, HABITADAS PELOS FAZENDEIROS E COMERCIANTES, SE DESTACAVAM INDIVIDUALMENTE NO ENTORNO, APRESENTANDO REQUINTE CONSTRUTIVO E VARIEDADE DE FORMAS.

Mesmo a escala de tais residências é diferente da simplicidade das casas dos imigrantes. O poder financeiro e cultural de tais proprietários no centro da cidade, os coloca-

vam em posição privilegiada, podendo contar com profissionais de projeto e mão de obra civil numerosa, além de mais recursos financeiros.”

Essa configuração inicial está, obviamente, ampliada. Outras tantas parcelas foram acrescentadas. Primeiro, pelas dezenas de conjuntos habitacionais com as suas casas homogêneas quase duplicaram a malha urbana. Depois, com o advento de grandes centros comerciais, novos bairros surgiram de construções sofisticadas, notadamente na Zona Sul, destinados às pessoas de alta renda, também atraídas pelos condomínios verticais e horizontais. Situação justificada pelos investidores imobiliários como busca de maior segurança. Assim, foram criadas novas centralidades. É visível, a partir de um horizonte não muito distante, o bloco verticalizado e mais amplo do centro histórico e o espelho alinhado de dezenas de arranha-céus do lado Sul.

O Centro HISTÓRICO

A área central, conhecida como “Quadrilátero”, delimitada pelas principais avenidas, Francisco Junqueira, Independência, Jerônimo Gonçalves e a Nove de Julho, assistiu a um intenso processo de verticalização, no qual várias dezenas de edificações mais antigas foram, irremediavelmente, demolidas. Nela, afora os inúmeros edifícios, ainda são encontrados vários exemplos que permitem lembrar a cidade que existiu e que foi transformada de maneira radical.

O pior que se deu, no entanto, foi a sua progressiva degradação. As tentativas de revitalizá-lo foram frustrantes. Depois de construírem um horrível calçadão, substituíram-no por um pior, numa demonstração inequívoca de mau gosto. Não existe um planejamento consistente que possa recuperar o seu antigo brilho. Numa entrevista à imprensa local, o, também, arquiteto Domingos Guimarães, assim se expressou: *“é importante frisar que são vários os exemplos de sucesso de cidades que passaram a preservar e a revitalizar as áreas centrais. Os Municípios funcionam como um organismo vivo e têm como órgão principal o centro urbano considerado por muitos como o coração da cidade. Os elementos principais são a preservação histórica e a revitalização*

do centro, independente do tamanho da cidade” Melbourne, na Austrália, assim o fez há pouco mais de uma década. Além de ser considerada a cidade de melhor qualidade de vida do mundo é, também, a que mais recebe visitantes em todo o Hemisfério Sul.

Sobre a região central de Ribeirão Preto, Domingos Guimarães acrescenta, ao citar o corredor histórico da Rua José Bonifácio: *“conserva o maior conjunto arquitetônico histórico do município, de períodos diferentes. Essas construções representam a fase de crescimento econômico e social em que o comerciante construía ou transformava uma obra simples, térrea, em um edifício de dois andares. A rua ainda preserva a arquitetura eclética que enfeita seu cenário histórico desde os tempos áureos do café. Com o passar dos anos, Ribeirão Preto se tornou uma cidade rica e a arquitetura colonial paulista e mineira sofreu uma transição, passando de obras mais simples para opções elaboradas, com desenhos de fachadas de influência francesa, italiana e alemã.”*

Felizmente, ainda restam alguns casarões e palacetes, remanescentes do período mais glorioso da cidade. A situação de muitos desses, no entanto, é precária. Os proprietários se queixam da falta de incentivos para preservar os imóveis, tombados pelo Patrimônio histórico. Já o Poder Público manifesta que a responsabilidade pela conservação cabe aos seus donos. Há um vácuo de entendimento que precisa ser superado. Senão, a nossa memória irá esvaír-se pelo ralo...





Casos Exemplares

PALACETES JORGE LOBATO E CAMILO DE MATTOS

Localizado na esquina das ruas Álvares Cabral e Florêncio de Abreu, o Palacete Jorge Lobato acaba de ser restaurado pelos atuais proprietários. Abandonado desde 1991, essa maravilhosa edificação foi se deteriorando aos poucos, acumulando fezes de pombos, envolto por matagais e refúgio de animais domésticos, oferecia um quadro de uma visão dantesca de decadência, sujeira e mau cheiro. Deprimente retrato visível do abandono. Em parceria com uma Universidade local, seus donos o restauraram, completamente, recuperando a sua imponência de outrora.

ESSA BELÍSSIMA RESIDÊNCIA PERTENCEU A UM IMPORTANTE ENGENHEIRO, JORGE LOBATO, CHEGADO À CIDADE EM 1905, TENDO A SEU CARGO A MANUTENÇÃO DOS RAMAIS FERROVIÁRIOS DE PONTAL E IGARAPAVA DA CIA. MOGIANA DE ESTRADAS DE FERRO.

Cursou o Colégio Pedro II no Rio de Janeiro, onde se formou em Engenharia Civil. A partir de 1909, ocupou a cadeira de professor de Geometria e Trigonometria no Ginásio do Estado, atual Otoniel Mota. Foi, também, comerciante, agricultor e empresário, tendo sido proprietário de uma Casa Bancária que levava o seu nome e da Fazenda Palmital, em Sertãozinho, onde comercializava águas minerais de suas fontes. Teve importante atuação política, pelo Partido Republicano Paulista, havendo sido eleito Vereador a partir de 1926. Presidiu a Câmara Municipal em 1929 até a suspensão da edilidade determinada pela

Revolução de 1930.

O Palacete Lobato foi construído em 1922 pelos empreiteiros Geribello & Quevedo. Segundo a professora Rita Fantini, essa construção tem grande relevância histórica, por possuir uma linguagem que representou uma afirmação da arquitetura nacional, libertando-se das influências estrangeiras e adotando materiais construtivos inovadores, notadamente no uso do concreto armado.

Outra restauração prevista é a do palacete Camilo de Mattos. Localizado na esquina das ruas Tibiriçá e Duque de Caxias é uma das principais construções históricas da cidade. Construído em 1921 foi inaugurado com grande pompa no ano seguinte. O projeto é atribuído ao engenheiro-arquiteto Antonio Soares Romeo que, também, cuidava de obras públicas da Municipalidade. A sua restauração terá a responsabilidade técnica do arquiteto Cláudio Bauso, entusiasmado defensor do Patrimônio Histórico que informou que *“esse prédio é uma construção que remete à arquitetura residencial eclética burguesa do início do século XX. Além da importância da obra, entre as suas marcantes características, está um jardim interno planejado, algo pouco comum à época, a presença de belos vitrais de inspiração “art-nouveau” e o uso intenso do ferro, tanto nas grades externas quanto na porta principal, feita a partir de trabalhos artísticos desse”*.

Essa imponente construção serviu de residência a dois Prefeitos, pai e filho. O primeiro, Joaquim Camilo de Moraes Mattos veio de Minas,

onde nasceu em 1892. Casou-se com a filha do poderoso chefe político Joaquim da Cunha Diniz Junqueira, um dos mais destacados líderes políticos da República Velha. Exerceu vários cargos públicos na cidade como Vereador, Vice Prefeito e Prefeito entre os anos de 1923 e 1930, quando o movimento revolucionário varguista o destituiu. Tinha grande atuação em obras sociais, tendo colaborado na fundação do Educandário Quito Junqueira. Bem defronte ao palacete, há um busto feito de bronze em sua homenagem, de autoria do artista Arlindo Castelani de Carli. Já seu filho, Luiz Augusto Gomes de Mattos, foi Prefeito-interventor em 1945. A magnífica residência permaneceu abandonada desde a sua morte, em 2006. Os atuais proprietários que pretendem restaurá-la ficaram admirados pela solidez construtiva do prédio que, espera-se, voltará a ornamentar a Praça XV de Novembro, como um de seus lugares de memória.

São dois casos exemplares de preservação.



Onde estão teus moradores
casa velha abandonada?
só resta em ti conservada
lembranças de teus senhores.
Povoa os teus setores
profunda imaginação.
Sinistra é tua visão!
Onde qualquer criatura
Receia, olhando a moldura
de tua sombra no chão...

Talvez ninguém diga o ano
em que foste construída.
Já hoje estás destruída...
Que o tempo, sempre tirano
por um capricho ou engano
te fez esta ingratidão
Ao transformar-te num monturo...
Quem passa, sente e decora
o mês, o dia e a hora
de tua destruição!

(João Batista de Siqueira (Canção))



Persona

JOAQUIM CAMILO DE MORAES MATTOS

Mineiro de nascimento, Joaquim Mattos veio de Rio Novo a Ribeirão Preto já formado e atuando como Advogado. Dotado de grandes capacidades oratórias, rapidamente o advogado se destacou na vida forense da cidade. Com a sua atuação na área legal, conseguiu ascender ao diretório local do antigo Partido Republicano, pelo qual se tornou vereador com vantagem expressiva contra seus concorrentes. Foi Vice-Prefeito de Ribeirão entre 1923 e 1926, entre abril de 1929 e outubro de 1930 foi prefeito interino de nossa cidade, sendo deposto – em virtude da Constitucionalista de 30.

Despediu-se, portanto, da política e passou a atuar na área de direito empresarial. Foi devido a sua ambição, juntamente com Sinhá Junqueira, que a fazenda Morro da Vitória transformou-se em Educandário Coronel Quito Junqueira, local no qual se realizou assistência social, em especial amparando crianças pobres. Sua vida pública foi marcada, nos jornais da região, como uma de luta e denúncia contra a desigualdade, sempre preocupado em aparar aqueles que necessitassem – principalmente crianças. A construção do Educandário foi um projeto pessoal que lhe trouxe grande satisfação, segundo a própria instituição.

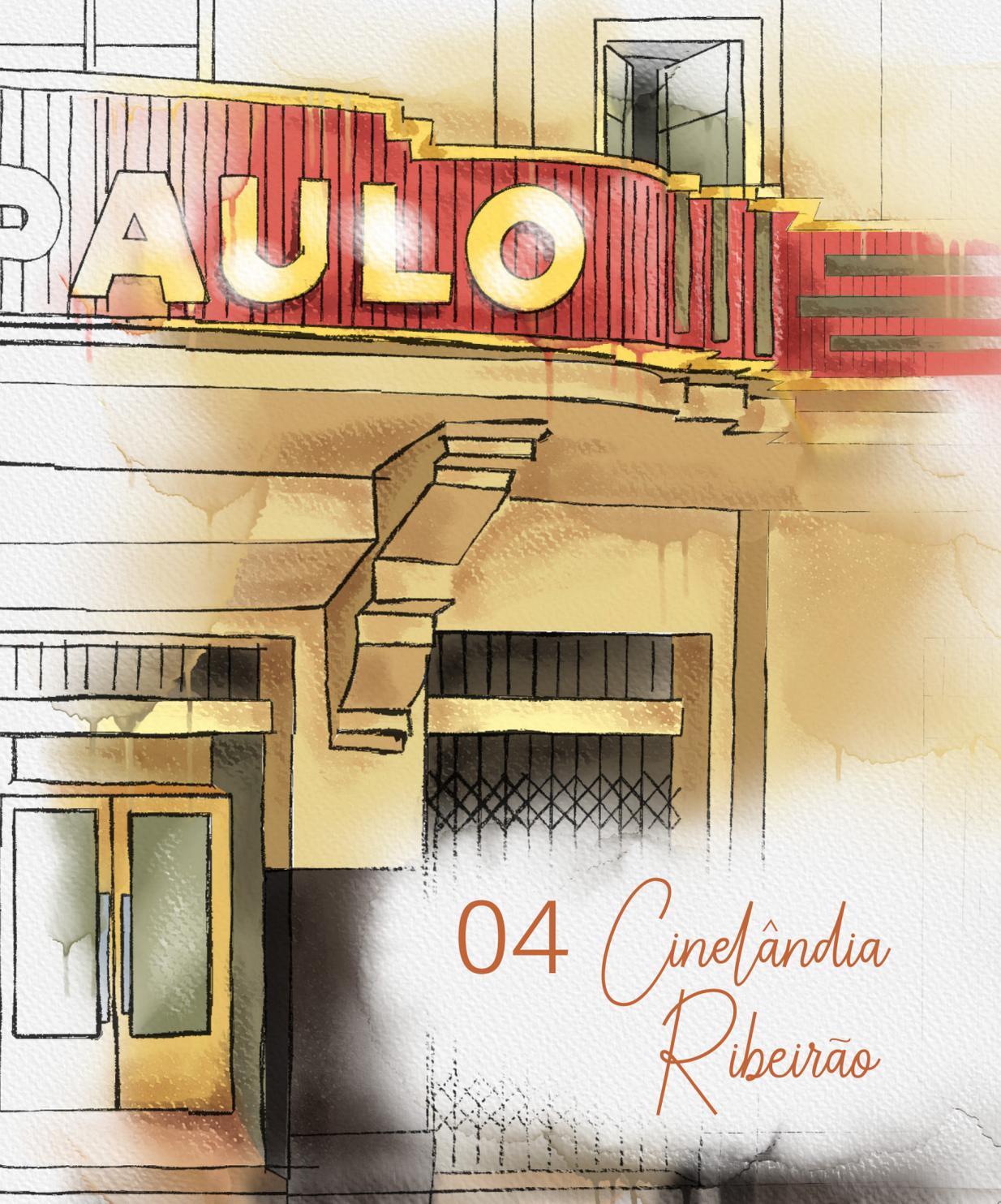
Veio a falecer em 24 de agosto de 1945, aos 53 anos. De todas personalidades que marcaram a história de Ribeirão Preto, poucas deixaram seu registro com tanta integridade, vontade de ajudar o próximo e desejo por um mundo melhor. Seja na esfera pública, seja na privada, Joaquim Mattos deixou sua – não tão – pequena marca na história de nossa cidade, servindo de exemplo e de modelo de cidadão ribeirãopretano.



Na década de 40 -, ao redor da célebre Praça XV de Novembro, nada menos que oito cinemas, além de bares, restaurantes e cassinos, viveram sua época de ouro, era a CINELÂNDIA. Movimentando a vida noturna de Ribeirão Preto, os cinemas arrebatavam multidões, de famílias à solitários, todos os ribeirãopretanos procuravam as grandes salas para seu divertimento. Milhares de pessoas por aquelas salas passaram, prestigiando a sétima arte, com filas que frequentemente dobravam quarteirões, a vida noturna de Ribeirão Preto muito tem a agradecer à indústria do cinema.

Uma cidade de ruas, há pouco, silenciosas e vazias, começava a tomar formatos daquela que hoje conhecemos. Devido aos cinemas, aos cassinos e bares, a crescente Ribeirão fomentava ativa vida noturna, mistura de culturas, de falas, de sotaques, em uma cidade formada por imigrantes das mais diversas partes do globo. Do antigo Cine Avenida, ao majestoso Cine São Jorge, o cinema ribeirãopretano oferecia distração, reflexão, divertimento à população, em uma época que o teatro pertencia às elites da pompa e circunstância, o cinema possibilitava a diversão alheia à classe social. De aristocratas a trabalhadores, todos os cidadãos de nossa cidade, em tempo, passaram por aquelas maravilhosas salas onde sonhos tornam-se reais.

Ao viajar pela história de Ribeirão Preto, é natural que nos voltemos à indústria e aos locais que tanto ofereceram aos cidadãos de nossa cidade. Do choro ao riso, da reflexão à análise, do divertimento ao pavor, o cinema nos deu diversão e permitiu um vislumbre do que ocorria no mundo lá fora. Portanto, vejamos mais um pouco desta gloriosa história, dos dias de ouro da CINELÂNDIA em nossa terra, quando a vida noturna, a cultura e a sociedade de nossa cidade, ainda nascente, caminhavam à plenos passos, ajudando a formar a cidade que hoje conhecemos tão bem.



04 Cinelândia
Ribeirão



O POETA
CURITIBANO,

Paulo Leminski.

NOS INSPIRA A FALAR DA
SÉTIMA ARTE, CONTANDO EM
VERSOS ESSA HISTORINHA:

*“A Lua foi ao cinema
passava um filme engraçado
a história de uma estrela
que não que não tinha namorado.*

*Não tinha porque era apenas
uma estrela bem pequena.
dessas que, quando apagam.
Ninguém vai dizer, que pena!*

*Era uma estrela sozinha
ninguém olhava para ela
e toda a luz que ela tinha
cabia numa janela.*

*A Lua ficou tão triste
com aquela história de amor,
que até hoje a Lua insiste
-Amanheça, por favor!*

Muitas pessoas possibilitaram a criação do cinema. Mas, foram os irmãos Gustave e Louis Lumière que são creditados como os seus inventores, embora deva ser lembrado o norte-americano Thomas Alva Edson. A palavra “cinematografe”, criada pelos irmãos franceses, advém do grego “kínisi”, significando movimento. Na primeira sessão que exibiram os filmes “Empregados deixando a Fábrica Lumière” e a “Chegada de um Trem à Estação de La Ciotat”, no sub solo do Salão Grand Caffé de Paris, no dia 28 de Dezembro de 1895, houve uma grande comoção. Algumas pessoas imaginaram que o trem em movimento na tela se dirigia sobre elas e as fosse atropelar. Começava uma verdadeira revolução na cultura popular e uma nova era nas comunicações.

Outro grande criador francês, George Méliès, que produziu centenas de filmes com a assistência de seu irmão Gaston, celebrou-se ao lançar, em 1902, “Le Voyage dans La Lune” – Viagem à Lua – como o primeiro a utilizar os, assim chamados, efeitos especiais. Homenageado por Martin Scorsese no recente “A Invenção de Hugo Cabret”, a obra prima de Méliès também é considerada como o primeiro filme de ficção científica. Descobertas as latas que as guardavam, há poucos anos, pudemos saber que as primeiras fitas coloridas datam, também, de 1902, criadas pelo in-

ventor inglês Edward Raymond Taylor. Outro grande nome, este reconhecido pela criação da gramática do cinema, o americano D.W. Griffith, foi autor de controvertidos filmes como “O Nascimento de uma Nação”, de 1915, pelo qual foi acusado de racismo, “Intolerância” de 1916 foi tido como longo demais ao procurar entrecruzar quatro histórias distintas. A sonorização direta, porém, só viria nos anos vinte, o cinema a cores em meados dos anos trinta. Estava estabelecida a grande fábrica de ilusões que, no dizer de Jean-Luc Godard: “é a fraude mais bonita do mundo.”

A nova invenção ganhou o mundo.

Talvez, nenhuma outra tenha provocado um impacto tão grande. O que a torna mais admirável é que, desde seus primeiros anos, Ribeirão Preto já exibia esses e muitos outros filmes em salões, em barracões, em galpões, até mesmo nas vias públicas. Não há dúvidas de que a cidade veio a ter o maior número de salas cinematográficas, comparando-se com qualquer outra no interior do Brasil. Gestava-se a Cinelândia Ribeirão.

O cinéfilo e pesquisador Aurélio Cardoso per-

correu diversos lugares dessa Cinelândia e informa que a primeira sala de exibição da cidade aconteceu nos salões da Sociedade Dante Alighieri, onde existiu o Cine Áurea, ainda nos primórdios, em 1898. Nele, eram exibidos filmes curtos, de dez a quinze minutos. Todos os materiais, desde os equipamentos de exibição e as próprias fitas eram fornecidos pelas mais antigas companhias cinematográficas do mundo, a Pathé e a Gaumont. Então, o cinema ainda era francês.



A "Belle Époque", a "Petit Paris" e o Rei da Noite

Depois da epidemia de Febre Amarela (1903), que gerou um verdadeiro pânico na cidade, uma figura audaciosa esforçou-se por devolver-lhe uma vida ativa. François Cassoulet viria a se tornar uma das personagens marcantes da época, por ter dado à cidade tal agitação noturna que gente de todo lugar era atraída e os poderosos locais, que a ele se uniram por propiciar-lhes oportunidades de divertimento só encontráveis na capital, refestelavam-se. Além de suas casas noturnas, os seus cabarés, esse imigrante francês iria criar inúmeras salas de exibição dos filmes franceses, trazidos para cá pela ferrovia. O historiador Mar Wagner assim se refere aos seus empreendimentos:



"Em 1905, além do Café Concerto, do Paris Theatre e do Cassino Eldorado Paulista, François passou a administrar o Teatro Carlos Gomes, a maior casa teatral de Ribeirão Preto. Em seguida, administraria também o Cinema Rio Branco e o teatro Polytheama (...) inaugurou os cinemas Bijou The-

atre, na Álvares Cabral, e Rio Branco, na avenida Jerônimo Gonçalves..." prossegue:

"O empresário gerenciou também o cinema Odeon, que ficava localizado na rua Amador Bueno. De todos os negócios realizados, seu grande trunfo foi a parceria com a Cervejaria. Com o objetivo de enaltecer sua marca, a Companhia Antártica Paulista inaugurou, em 1914, o Cassino Antártica e o Restaurant e Rotisserie Sportsman (...) O Cassino Antártica juntamente com o Teatro Carlos Gomes formaram a identidade cultural da Belle Époque em Ribeirão Preto."

Por quase duas décadas, esse francesinho arrojado dominou a vida noturna da cidade. Além de suas luxuriosas casas, para as quais trazia mulheres de onde quer que fosse, sobretudo da França, manteve inúmeras salas de cinema, popularizando-o de tal forma que se tornaria uma das atrações de Ribeirão Preto.

No período final da Primeira Guerra Mundial, que já havia abalado a economia local, uma terrível e forte geada iria agravar ainda mais a situação em 1918. Findava-se ali, o período mais reluzente que a riqueza cafeeira propiciara nos anos anteriores. O outrora grande empresário das diversões empobreceu-se de tal maneira que passou os dias finais de sua vida em extrema penúria. Quem tudo podia e fazia para alegrar as pessoas, enriquecendo-se com isso, foi enterrado de maneira anônima como mendigo. Nenhum dos muitos que o cortejavam acompanhou-o na sua morte, paradoxalmente, solitária.

A Cinelândia

RIBEIRÃO

O cinema se tornou a diversão mais popular, nas décadas seguintes. Até os bairros da Vila Tibério, dos Campos Elíseos e do Jardim Paulista chegaram a ter várias salas de exibição, quase sempre cheias. Porém, a formação da Cinelândia Ribeirão se daria no Quadrilátero Central a partir da Praça XV de Novembro. Nada menos que oito cinemas, ali, tiveram os seus dias de glória: o Teatro Carlos Gomes, que intercalava apresentações dramáticas e musicais com a exibição de filmes iria perdurar até o início dos anos quarenta, quando não se soube nunca de quem partiu a ordem, a magnífica edificação foi demolida durante a Segunda Grande Guerra, no que se constituiu num dos maiores crimes arquitetônicos da História local. Alguns afirmam que a sua decadência se deveu à construção do majestoso Pedro II, bem defronte na praça central, que, além de ser um Teatro de Ópera, serviu também, por décadas, como cinema. A eles, devem ser acrescentados os Cines Suez, Plaza, Centenário, São Paulo e, o mais antigo desses, o Cine Avenida, nas margens do ribeirão Preto, entre as duas grandes cervejarias, Antártica e Paulista. Há registros de que somente no ano de 1938, essa sala de exibição recebeu em torno de 300.000 frequentadores, número que denota a paixão pelo cinema.

Por fim, o maior destes todos: o Cine São Jorge, com cerca de 2.200 lugares. Construído pelos dois irmãos conhecidos como os “reis do fumo”, em 1950, esse cinema ganhou uma inusitada importância histórica. Era o único espaço capaz de receber a Aula Inaugural da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), em 1952. Com a sua lotação máxima, simbolizou o início de uma mudança no destino da cidade, que nas décadas seguintes viria a se tornar o que hoje é: um centro regional de comércio e de prestação de serviços.

Mesmo com o fim dos cinemas de rua, Ribeirão Preto ainda possui 33 salas de exibição nos seus centros comerciais. Ainda é o maior número de todas as cidades do interior do país. Dos antigos cinemas restou apenas um, o antigo Cine Bristol, que há décadas recebe, talvez, o maior Cineclube do mundo, o Cauim, localizado na rua São Sebastião.



As Filas Enormes

A proximidade dos inúmeros cinemas fazia – notadamente nos finais de semana – com que as filas de frequentadores se confundissem. Nas seguidas décadas em que quase toda a população saía a se divertir na região central, em busca de seus bares, cervejarias, sorveterias ou pelo simples passeio público, um espaço atraía a todos, o cinema.

O QUE IAM ASSISTIR?

Os que provocavam gargalhadas, como os do trio de gênios, Charlie Chaplin, Buster Keaton e Harold Lloyd. Os valentões do tipo Douglas Fairbanks, desde o seu lendário “A Marca do Zorro”. Muitos homens deixavam-se excitar pelas provocantes cenas da primeira “femme fatale”, Theda Bara interpretando “Cleópatra” ou “Salomé”. As mulheres suspirando pelo Sheik árabe ou “latin lover” em “Sangue e Areia”, de Rodolfo Valentino. E ainda, escolher o melhor dia para ver exhibições que se

prolongavam por semanas inteiras, como nas duas versões de “Os Dez Mandamentos”, de Cecil B. De Mille.

Todos acreditavam, e ainda acreditam, no que definiu o gênio de Chaplin, quando disse:

“NUM FILME, O QUE IMPORTA NÃO É A REALIDADE, MAS O QUE DELA POSSA EXTRAIR A IMAGINAÇÃO.”

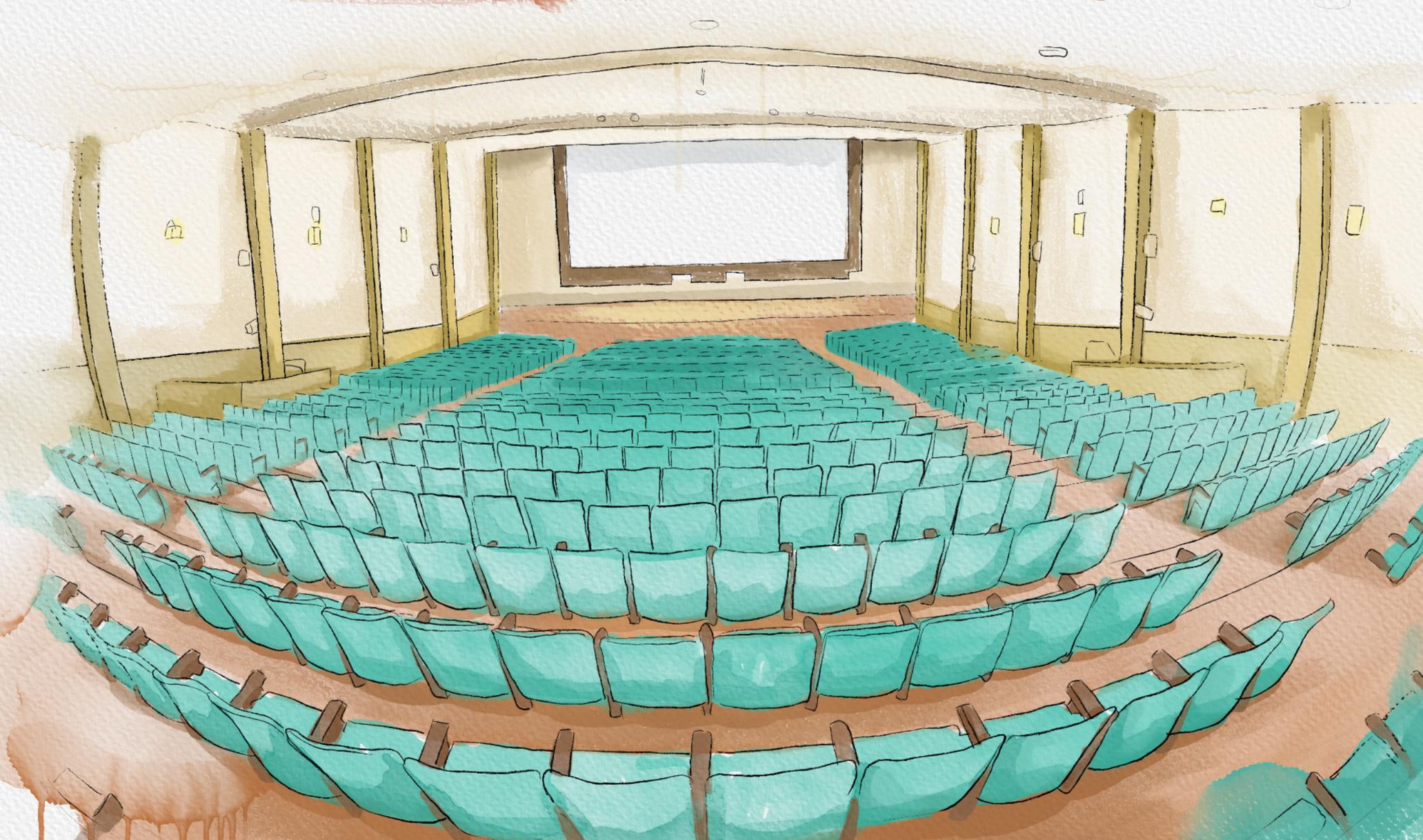
Essa irrealdade tornada real é que fascinava as pessoas e ainda o faz. Cada um de nós guarda na lembrança algum filme, alguma cena ou uma trilha sonora que parece nos acompanhar vida afora. Detalhes que passam a fazer parte de nossas lembranças e parecem ter sido gravados em nós. Essa magia que nos levou a uma nova forma de encantamento, que a vida moderna nos tirou e a repôs em vinte e quatro quadros por segundo.

Algo semelhante ao que disse há muito tempo atrás, o escritor alemão Jean-Paul Richter, que alterou o seu próprio nome para homenagear Rousseau, sentenciando:

“A MEMÓRIA É O ÚNICO PARAÍSO DO QUAL NÃO PODEMOS SER EXPULSOS.”

QUE POSSAMOS VIVER NELA.

E dela.





Persona

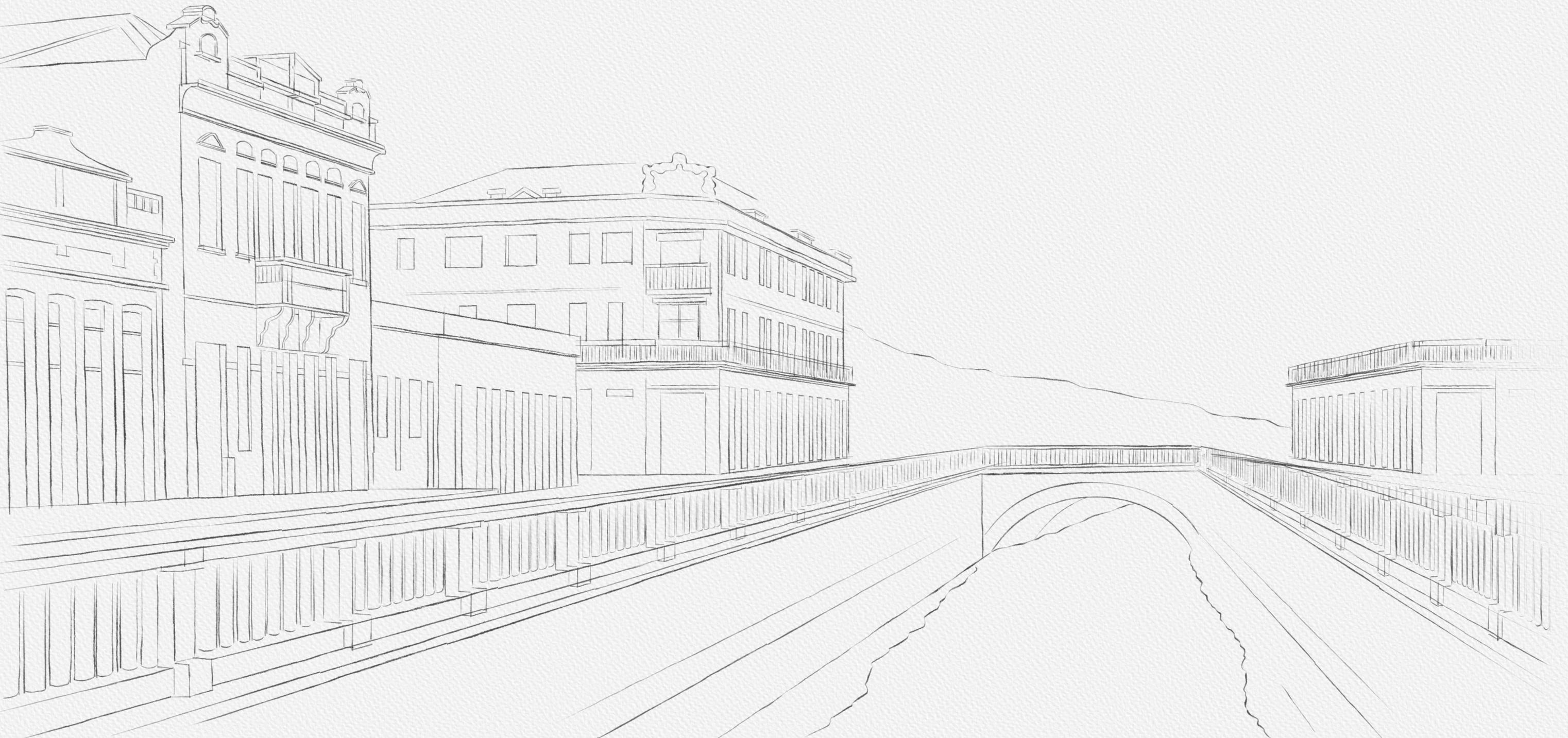
FRANÇOIS CASSOULET

Nascido em Tarbes, cidade do Alto dos Pirineus, na França em 1864, Cassoulet passou toda sua infância no velho continente. Somente em 1894 - aos 30 anos - o francês fez as malas em direção ao novo mundo, chegando primeiro à Argentina, em Buenos Aires, local que residiu somente por parte de um ano, direcionou-se à São Paulo em 1895, chegando pelo Porto de Santos, entretanto, na capital paulista, também não se demorou, residindo na crescente metrópole até 1896, ano em que mudou-se para Ribeirão Preto, chegando à nossas terras pela Estação Ferroviária Mogyana.

Em terras ribeirãopretanas, não demorou-se para entrar em ação, inaugurando seu primeiro estabelecimento, o Café Concerto. Poucos anos após sua chegada, via-se o resultado de suas empreitadas comerciais, sendo esse e sua esposa proprietários de duas casas na Rua Américo Brasileiro. Em 1903, Cassoulet passa a administrar o Paris Theatre e inaugura o Cassino Eldorado Paulista. Em 1905, além dos três estabelecimentos já sob sua propriedade, passa a administrar o Teatro Carlos Gomes, à época o maior de Ribeirão Preto, em 1909 também assume o Cassino Antártica - que só reinauguraria posteriormente, em 1914. Ainda a este império do entretenimento se acresceriam o Cinema Rio Branco e o Teatro Polytheama.

Porém, toda a alegria e prosperidade dos negócios do Rei da Noite, viriam a chegar a um triste fim com o advento da Primeira Guerra Mundial. A queda da importação de café - produto que movia quase exclusivamente a economia de Ribeirão Preto à época - fez com que os barões reduzissem drasticamente seus gastos, o que empobreceu a vida noturna da cidade. A redução do interesse pela vida noturna resultou em falência, de um a um, de todos os negócios do empresário.

Observando-se desta maneira, fica claro que o título atribuído ao francês de "Rei da Noite" de Ribeirão Preto é de justíssima certeza. Um empreendedor que, quase exclusivamente, geriu e regeu a noite ribeirãopretana por duas décadas, responsável por dar vida à cidade, enchendo de alegria, burburinhos e movimentos ruas que, até anos antes, encontravam-se vazias e tristes. Foi tamanha sua influência sobre a vida noturna da cidade que é, inclusive, reconhecido como Pai do Carnaval ribeirãopretano, quando de 1903, este incentivava a organização dos primeiros desfiles de carros alegóricos da cidade. Sem dúvida, com suas empresas de alegria, esse francês-ribeirãopretano deixou sua marca em nossa história.

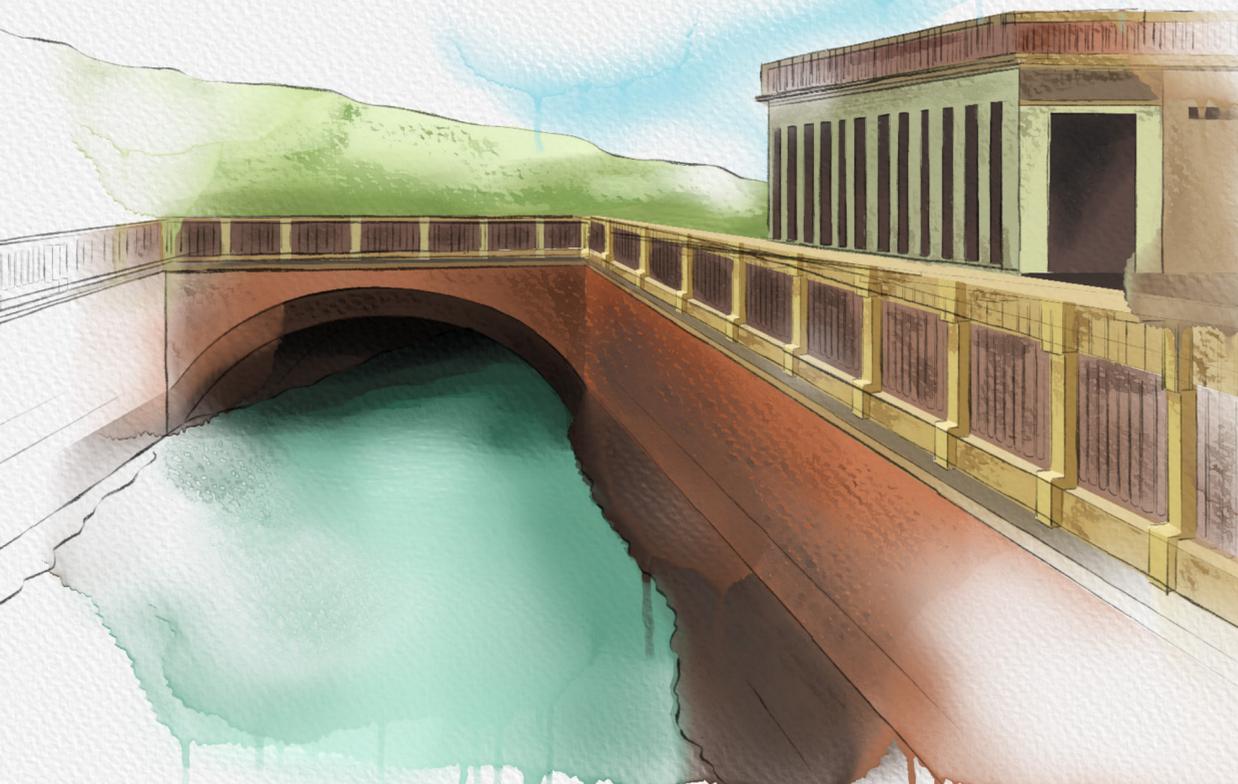


Nas idas e vindas do tempo, durante o longo caminhar do progresso, muito de nossa original Ribeirão Preto se perdeu. Da antiga vila, nada mais que um ajuntado de casas cercado de fazendas cafeeiras, pouco restou. Antigos casarões, foram substituídos por grandiosos arranha-céus, as ruas de paralelepípedos, cobertas de asfalto, os ares de pequeno e pacato distrito, substituídos pela energia e vibração de uma metrópole.

Apesar de muito do que fomos ter desaparecido nas brumas do tempo, ainda hoje, caminhando pelo centro da cidade, lugar no qual nossa cidade viveu seus primeiros dias, podemos presenciar lembranças dos ares passados, do tempo do café, do vilarejo, da calma de cidadezinha do interior. Dos casarões pertencentes aos grandiosos barões do café, aos teatros e praças. Muito foi reformulado, seus propósitos trocados, porém lá continuam. Do tempo de sua fundação, pouco sobrou, ruas trocaram de nome, de aparência, muitas mais foram acrescentadas, prédios erguidos, asfalto assentado. Porém, ainda hoje, caminhar pelo centro, viajar por suas mais antigas ruas, torna-se uma verdadeira caminhada pela história de nossa cidade.

Vagando pelas nossas ruas, podemos presenciar nossa ativa e movimentada sociedade em ação. Constatamos a pungência e o ritmo de uma metrópole viva e em desenvolvimento. Entretanto, aos olhares atentos e curiosos, o vagar por onde a história, há tanto tempo, se fez, pode desvelar os segredos do passado, nos contar contos de um tempo quando nada mais éramos do que um lugarejo, quando os grandes planos de desenvolvimento e estruturação não passavam, nem mesmo, pela mente dos mais visionários cidadãos dessas bandas. Vaguemos então, nesse momento, mesmo que sem rumo, pelas ruas do CENTRO HISTÓRICO de Ribeirão Preto, conhecendo mais um pouco do passado que tanto contribuiu para que presente de nossa cidade seja tão rico e vivo.

05 Pelas ruas da Cidade



*“Caminho por uma rua
que passa em muitos países
se não me vêem, eu vejo
e saúdo velhos amigos.”*

EM SUA
“canção amiga”,
CARLOS
DRUMMOND DE
ANDRADE REVELA
O GOSTO DE
ZANZAR PELA RUA

e reafirma a sua universalidade poética. Por certo, levou de Minas para o Rio o hábito de caminhar. Pois quantas vezes ele subira e descera as pedregosas ladeiras de Itabira?

Também mineiro, eu o trouxe de Passos, também uma cidade de “morro-abaixo-morro-acima”. Em outro poema ele diz: “Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro. Noventa por cento de ferro nas calçadas. Oitenta por cento de ferro nas almas.” E como dói...

*“Eu preparo uma canção
em que minha mãe se reconheça
todas as mães se reconheçam
e que fale como dois olhos.”*

DISCORDO.
PODIA SER
ORGULHOSO.
DE FERRO. MAS,
POR CERTO

não era triste
ISSO É FALA DE
UM FINGIDOR.

De chegar a fingir que é dor, a dor
que deveras sente como na fala de
outro que a fingia,

FERNANDO PESSOA.

O mesmo que também vejo a caminhar pelos becos que vão dar na Praça do Rossio de Lisboa.

As ruas do

CENTRO DA CIDADE

As primeiras denominações das ruas centrais surgiram ainda ao tempo da Vila de Ribeirão Preto, em 1874. Algumas tentativas de alter-lhes o nome provocaram queixas e reclamações. Até que, ajustadas as opiniões dos Vereadores, vieram a receber os nomes que ainda conservam, desde 1878. Mais de um século se passou e estão, por isso, consolidados. O predomínio de figuras ligadas à História originou-se, ao que nos parece, de um desejo de homenageá-las, além de outras que àquele tempo tiveram alguma relevância na vida nacional. Mas, é agradável saber os seus nomes anteriores. Alguns bastante curiosos.

Por iniciativa do vereador Antônio Bernardino Velozzo, as denominações foram assim alteradas por decisão da Câmara Municipal na sessão do dia 26 de fevereiro, nos seguintes termos, conforme a grafia da época: “a rua do Botafogo – denominar-se-á de ora em diante Saldanha Marinho, a rua de Alegria – Amador Bueno, a rua da Boa Vista – Álvares Cabral, a rua das Flôres – Tibyricá, a rua das Dores – Visconde de Inhaúma, a rua da Laje – Barão do Amazonas, a rua da Boa Esperança – Visconde do Rio Branco, a rua Quatro de Julho – Duque de Caxias, a rua do Bonfim – General Ozorio. O largo em frente a igreja das Dores

chamar-se-á de Constituição e sendo posta em discussão e votação foi aprovado por maioria de votação”.

Alguns meses depois, novos arruamentos foram acrescentados, surgindo nomes que, posteriormente, foram mudados, exceção feita às ruas da Liberdade e São Sebastião, as demais, São João, Bonfim e Progresso passaram a ter outras denominações. Outro registro curioso nos anais da Câmara Municipal é o do oferecimento de um engenheiro que acabara de chegar e se propôs a elaborar a primeira planta topográfica da então Vila. Na sessão do dia 30 de julho de 1883, por intermediação do vereador Antonio Bento Ferreira Lopes, consta o registro: *“Indico que esta Camara em vista do offerecimento verbal que fez o engenheiro Augusto Grimmeinsen para tirar a planta e o nivelamento desta Villa, aceite esses serviços que o mesmo engenheiro oferece gratuitamente e agradeça, tão importante quão efficaz serviço.”*

Novas linhas de arruamentos continuaram a ser propostas e realizadas, ampliando a planta original do engenheiro Grimmensein. Mas, ainda vale o registro de uma proposta do vereador Manoel da Cunha Junqueira, participante da Comissão que analisou o primeiro



projeto de calçamento de uma rua da Vila: a Duque de Caxias. Os detalhes da obra foram apresentados na sessão de 03 de Agosto de 1887, nestes termos:

“Do canto do largo da Matriz à rua Amador Bueno o terreno será perfeitamente nivelado. Da rua Amador Bueno até a rua Saldanha Marinho a rua terá um plano inclinado de meio por cento e dahi até o aterro um outro plano inclinado de um e meio por cento. O calçamento será feito por machadame, tendo seis metros de leito, sarjetas de cada lado feitas de pedra macetada com um metro de largura. Da rua Saldanha Marinho até a ponte, correrá um paredão de cada lado de três metros de altura dous de largo para sustentação do aterro e um metro de alicerce. Nos logares que serão cortados pelas ruas o calçamento será feito de pedra.”

Depois de muitas “démarches”, como se dizia em francês àquela época, idas e vindas, as obras foram realizadas algum tempo mais tarde, por conta da escassez de recursos imediatos. Dessa maneira, a Vila virou cidade e prosperou além do que esperavam os seus moradores. A riqueza cafeeira e a ferrovia dariam um impulso tal que mesmo os mais otimistas jamais imaginariam viesse a acontecer, em opulência e riqueza. Aconteceu.



Caminhar PELAS RUAS

O maior encanto das cidades vem de apreciar percorrê-las, do perder-se, vagarosamente, pelas ruas. Qualquer cidade. Mas, dentre tantas mundo afora, há algumas que possuem uma aura. Uma atmosfera envolvente. Seria aura ou alma? Ou ambas?

OS FRANCESES DERAM UM NOME A QUEM CAMINHA PELA CIDADE, SEM OUTRO INTERESSE QUE O DE CAMINHAR: FLÂNEUR.

Palavra que possui inúmeros significados: vadio, errante, vagabundo, observador ou, também em francês, um “boulevardier”. De “flâneur” é que se originou o verbo em português “flanar”, andar pelas ruas, despreocupadamente, a ver e observar as entranhas da cidade.

O filósofo alemão Walter Benjamin fez dessa figura um objeto de estudo acadêmico ao analisar a poesia de Charles Baudelaire que o encarnou à perfeição, enquanto o Barão Hausmann demolia a velha Paris medieval e erguia o que veio a se chamar de “cidade luz”. O próprio Baudelaire o definiu, ou se auto-definiu, como o “artista-poeta” da metrópole moderna. Em um texto publicado no *Le Figaro*, em 1863, “O Pintor no Mundo Moderno”, o define assim: *“A multidão é seu universo, como o ar é o dos pássaros, como a água, o dos peixes. Sua paixão e profissão é desposar a multidão. Para o perfeito flaneur, para o observador apaixonado, é um imenso júbilo fixar residência no numeroso, no ondulante, no movimento, no fugidio e no infinito. Es-*

tar fora de casa, e contudo sentir-se em casa onde quer que se encontre; ver o mundo, estar no centro do mundo e permanecer oculto ao mundo, eis alguns dos pequenos prazeres desses espíritos independentes, apaixonados, imparciais que a linguagem não pode definir senão toscamente”.

Já Honoré de Balzac descreveu a “flanerie” como “a gastronomia do olho”. Saint-Beuve que “é o oposto de não fazer nada”. Fournel afirmou que nela não havia nada de preguiça, ao contrário, era uma maneira de buscar compreender a variada riqueza da paisagem urbana. Benjamin, que estudou de maneira apaixonada essa figura típica do Século XIX, afirmou que “as suas pernas são os seus olhos”.

Esse errante urbano, segundo o mesmo filósofo, não sobreviveria ao advento do capitalismo de consumo. O que não quer dizer que tenha de todo desaparecido.

EXISTIRAM MUITOS FLÂNEURS FAMOSOS NO BRASIL, A FIGURA OBESA E CAMINHANTE DE PAULO BARRETO ACABOU POR SER SUBSTITUÍDA PELO PSEUDÔNIMO QUE USAVA, UM DOS MAIS FAMOSOS DELES, VIVEU NA CAPITAL FEDERAL DE ENTÃO, JOÃO DO RIO.

Um arguto observador das coisas e das ruas do Rio de Janeiro, escritor refinado e desafeto de muitos outros que não tinham o seu brilho. Outro, ali mesmo, foi o compositor Antonio Maria, nos meados do Século XX. Vinicius de Moraes ao receber a notícia de sua morte repentina: *“Eu sabia que seu peito ia explodir*

um dia, meu querido Maria, pois mais forte e largo que fosse, a morte era o seu guia”.

Um arguto observador dos bairros periféricos de São Paulo foi Antonio de Alcântara Machado, que no seu livro Braz, Bexiga e Barra Funda retrata com imensa simpatia a vida dos imigrantes italianos na capital. Um flâneur da elite que soube perceber e valorizar os operários de uma cidade que explodia de crescimento, chamada pelo seu amigo Mário de Andrade de Paulicéia Desvairada.

Em Ribeirão Preto, mesmo que pese a decadência da região central, já chamada de “Petit Paris”, ainda é possível flânar. Caminhar pelas ruas centrais e observar as gentes, as vitrines, os vendedores ambulantes, os nichos que guardam histórias superpostas, edificações que substituíram outras tantas que foram apagadas da memória.

O automóvel e as distâncias tiraram o prazer de caminhar pela cidade. As coisas se fazem apressadas, não existe mais o tempo de não fazer nada. Baudelaire traduzia Edgard Allan Poe e imaginava o seu colega a caminhar pelas ruas de Baltimore, exercitando-se na busca do que a cidade mostra e, sobretudo, do que ela esconde.

Mas eles ainda existem, sobreviventes, muitos que se assumem como flâneurs e também na sua conotação original voyeurs que em francês significa “aquele que vê”.

Todo aquele que caminha pela cidade deve ser chamado de Baudelaire. E tem o direito de repetir a paródia de Antonio Maria:

“Ninguém me ama, ninguém me quer, ninguém me chama de Baudelaire”.

As ruas da cidade histórica estão lá à nossa espera. Caminhemos, pois, e saudemos os velhos amigos.

*“Minha vida, nossas vidas
formam um só diamante
aprendi novas palavras
e tornei outras mais belas...
Eu preparo uma canção
Que faça acordar os homens
E adormecer as crianças.”*



Persona

JOAQUIM DA CUNHA DINIZ JUNQUEIRA

Conhecido como Quinzinho, Coronel Junqueira é uma figura que atrai o interesse de historiadores e sociólogos, reconhecido como o maior líder político da cidade de Ribeirão Preto, principalmente no período da República Velha. Apesar de só ter exercido um cargo político – o de Vereador, na primeira legislatura da Câmara de Ribeirão após a proclamação da República (1890 – 1892) – Quinzinho foi dotado de grande capacidade de centralização da política ribeirãopretana em sua época.

Fazendeiro cafeeiro, como muitos dos líderes políticos de sua época – afinal, era o café que fazia a economia local se movimentar –, Coronel Junqueira protagonizou a disputa política de Ribeirão Preto por décadas. Nos idos tempos do Coronelismo Paulista, o poder político por essas terras se concentrava menos na mão da figura Prefeito e mais na mão do diretório municipal do Partido Republicano Paulista, do qual Quinzinho era membro e assumiu a presidência em 1902.

Homem refinado e com estudos avançados, Coronel Joaquim nasceu em Ribeirão Preto em 1860, apenas quatro anos após o estabelecimento oficial de nossa cidade como município. Apesar de ser um dos primeiros ribeirãopretanos natos, sua educação lhe foi garantida com tutores estrangeiros e por meio de viagens à Europa. Sua influência na política local perdurou até os anos 30, quando, devido a uma grave doença, teve de se afastar da vida política. Não muito tempo após seu afastamento, veio a falecer – em 1932, aos 72 anos. Sua residência, inclusive, se choca e entremeia com a ilustre história de nossa cidade, sendo demolida para dar lugar ao conhecido Edifício Diederichsen.

É impossível falarmos da história de Ribeirão Preto sem citar Quinzinho Junqueira, um de seus primeiros grandes líderes políticos e, talvez o principal. As terras ribeirãopretanas nada seriam sem a influência e a atuação política e econômica dos Barões do Café paulistas que, por um período de tempo, garantiram o nome de Ribeirão Preto no mapa mundial como maior produtor de café do globo.





Observando hoje nossa Ribeirão Preto, com seus inúmeros prédios e arranha-céus, sua ativa vida social, sua potente estruturação financeira e sua rica movimentação cultural, é fácil nos esquecermos que essas terras já foram muito mais calmas e pacatas. Terra pequena, nada mais que uma vila em seus primeiros anos de vida, existia devido às fazendas cafeeiras que ganhavam força no interior paulista.

Porém, os tempos pacatos veriam a seu fim com a chegada dos trilhos da Ferrovia Mogiana, ligando o interior paulista aos trilhos centrais do estado, os seus vagões causaram verdadeira explosão de riqueza por essas bandas. Por eles foram nossa produção ao exterior, mas também vieram riquezas para essas bandas. Muitos dos imigrantes europeus chegados à Ribeirão desbravam o interior por seus trilhos, muitas das - à época - novas culturas, aqui se estabeleceram devido ao ir e vir do trem.

Entre as inúmeras personalidades que aqui chegaram devido ao trem, uma das mais ilustres foi Antônio Diederichsen, conhecido como “Seu Tunico”. Vindo no começo do século XX à essas terras para ajudar a administrar a fazenda de seu tio, rapidamente percebeu o potencial dessa terra, nela investiu e ajudou sua estruturação. De bancos à serrarias, seu Tunico ofereceu aos ribeirãopretanos a possibilidade de crescimento, de emprego, de riqueza.

Num tempo que nossa cidade nada mais tinha do que simples casas e os casarões dos barões, Diederichsen, intrépido como só ele, foi responsável pela construção de nosso primeiro arranha-céu. Empreitada visionária, oferecendo para a cidade um impulso de construção, um baluarte de referência, o EDIFÍCIO DIEDERICHSEN foi o primeiro dos numerosos e grandiosos prédios que embelezam nossa grande Ribeirão Preto. Conheçamos, portanto, mais um pouco da história deste importante edifício e de seu construtor.

06 Edifício Diederichsen

“Daqui podia-se ver a Vila Tibério inteira. Dava pra ver até lá na USP.

PODÍAMOS FICAR VÁRIOS MINUTOS APRECIANDO

a paisagem

Hoje se você olhar aqui só verá os luminosos das lojas e janelas de prédios do outro lado da rua.

É O MAIS LONGE QUE SE VÊ”.

Essas palavras do Dr. Darcy Gabarra, em entrevista concedida, ilustram bem a dimensão do olhar de quem estivesse nos andares superiores do Edifício Diederichsen, observando a paisagem. Ali, manteve o seu consultório odontológico por décadas. Ele e os seus irmãos.

O primeiro Edifício de Ribeirão Preto somente rivalizava em altura com a Catedral metropolitana, as demais construções do seu entorno

eram baixas, de um ou dois pavimentos, apenas. Hoje, parece emparedado por construções mais elevadas dos arranha-céus que o circundam.

AS SUAS DIMENSÕES, AINDA HOJE, IMPRESSIONAM.

Essa monumental edificação foi concebida para ter uso multifuncional pela primeira vez no interior do país. O Pavimento Térreo era dotado de 11 lojas comerciais, em que a maioria ainda estão em funcionamento.

NUMA EXTREMIDADE, FUNCIONOU POR VÁRIAS DÉCADAS A CERVEJARIA PINGUIM, FAMOSA INTERNACIONALMENTE.

Na outra, ainda permanece a Cafeteria “A Única”, uma espécie de senadinho onde centenas de pessoas saboreiam o café de coador preparado na maneira antiga e muitos outros vivem a discutir em suas calçadas os problemas do Universo. Pelo lado da rua São Sebastião, ficava o antigo Cine São Paulo que teve uma glamorosa existência de 1936 a 1992. Jaz ali, agora abandonado, em completo esquecimento.

O PRIMEIRO E O SEGUNDO PAVIMENTOS POSSUÍAM, JUNTOS, CENTO E DEZOITO SALAS,

destinadas a consultórios médicos e gabinetes odontológicos e escritórios dos mais diferentes misteres, desde os ocupados por

advogados até por pessoas ligadas aos mais diversos ofícios, de alfaiates e ourives aos inúmeros representantes comerciais.

O terceiro e o quarto destinaram-se a 23 apartamentos residenciais em cada andar, dotados de um ou de dois dormitórios, nos quais grande parte dos ocupantes passou a maior parte de suas vidas.

O quinto pavimento serviu durante décadas ao “Grande Hotel”, dotado de oito apartamentos e trinta e cinco quartos; em seu amplo salão de jantar teve o pioneirismo de oferecer à cidade uma cozinha de padrão internacional que, até então, lhe faltava. Completava a sua imponência com um elegante salão de visitas que dava para um mirante, do qual se descortinava a melhor visada dos bairros adjacentes. Grandes figuras da vida política nacional ali se hospedaram. A mais ilustre delas foi, sem sombra de dúvida, a do Presidente Getúlio Vargas. O Quarto 512 alimentou lendas na esquina da Única. Destas, a mais conhecida é de que o político possuía uma amante, tendo visitado várias vezes à cidade por conta de um affaire amoroso. Daí ter ficado conhecido pelos anos afora como o “Gabinete do Presidente”. Artistas famosos, empresários de grande influência, jornalistas, dentre tantas outras pessoas, atraíam as atenções dos moradores, que às vezes se juntavam em magotes de

curiosos para ver e saudar visitantes tão apreciados.

O sexto pavimento foi ocupado pela família locatária do *Grande Hotel*, além de conter terraços que proporcionavam uma visão panorâmica de toda a cidade.

A Monumentalidade

As narrativas do período de sua construção, entre 1934 e 1936, confirmam, em números exponenciais, a sua enormidade e resistência. Primeiramente, o terreno em que foi erigido possuía baixa solidez, não mais que

trezentos gramas por centímetro quadrado. Era necessário atingir a uma capacidade de resistência estrutural quase dez vezes maior, dois mil e setecentos gramas por centímetro quadrado. Para tanto, foi preciso que as suas fundações viessem a receber cento quarenta e oito tubos enormes, dotados de um metro de diâmetro cada um, que foram inseridos a uma profundidade entre dezessete e dezenove metros. Tais impressionantes números vêm acrescidos de outros:

foram utilizados mais de dois milhões de quilos de ferragens, ou seja, duas mil toneladas e, para completar, foram empregadas vinte e seis mil sacas de cimento. Números que atestam a sua grandiosidade, como o faz o arquiteto e restaurador Denis Esteves:

“esse prédio - afirma ele - tem uma estrutura extremamente sólida, toda feita em concreto armado, expressão que era usada para essa tecnologia muito especializada para aquela época. Foi projetado pelos construtores italianos Antonio Terreri e Paschoal de Vicenzo, que se dividiam em trabalhos em São Paulo e, depois, aqui em Ribeirão. Projetaram-no em estilo arquitetônico Art Déco no visual da

edificação, percebido principalmente nos ladrilhos hidráulicos decorados, no mármore das escadarias, nos vitrais e revestimentos trabalhados em motivos geométricos. Curioso é que a sua imponência não é de ostentação nem rebuscamento. Esse estilo, muito utilizado nas edificações dos enormes prédios dos Estados Unidos, como em Nova York e Chicago,

CARACTERIZADO POR SUAS LINHAS VERTICAIS E SIMETRIAS GEOMÉTRICAS ACABOU POR INFLUENCIAR MUITAS OUTRAS CONSTRUÇÕES PELA CIDADE.”



Desde a sua inauguração, no dia vinte de dezembro de 1936, o Edifício Diederichsen representou um traço de modernidade e imponência. Quantos milhares de pessoas não terão por ali passado, vindo a utilizar os seus múltiplos serviços e a consumir os produtos de tão variada oferta? Pelas décadas seguintes virou uma referência obrigatória na vida das pessoas daqui e de muitas outras que vinham de dezenas de cidades ao redor. Hoje, lamentavelmente, com a exceção do piso inferior ainda ocupado por uma dezena de negócios variados, todos os andares superiores estão completamente vazios. Ao percorrê-los, fica-nos a dolorosa sensação de estarmos a desbravar um passado deserto, inerte, sem vida. Mesmo sob a luz do dia chegamos a ver espectros es-

voaçantes, fantasmas inquietos, como a nos cobrar o seu retorno, sua ressurreição.

TRANSFORMÁ-LO NUM CENTRO CULTURAL COMO JÁ FOI PROPOSTO É UMA TEMERIDADE POR SUAS GRANDES DIMENSÕES.

Melhor ideia, talvez, que venha a de ser ocupado por centenas de empresas de inovação tecnológica. Seria uma homenagem que o futuro pode prestar ao passado. A legislação do Patrimônio Histórico o permite. Mantidas as suas características externas, desde que recuperadas as ranhuras da ação deletéria do tempo, em seu interior podem ser feitas as adaptações necessárias que se ajustem às novas atividades. A inteligência e o arrojo dos que o ergueram serão devidamente recompensados. E melhor, homenageados no mesmo nível e no mesmo grau. A memória deve sim continuar na História.

Família Diederichsen

E SEU TUNICO

A família Diederichsen se destacou no comércio internacional desde o final do século XVIII. De origem prussiana (da Prússia, denominação histórica que precedeu ao advento do Império alemão) sempre teve um importante papel em diferentes tipos de negócio. O que aqui nos interessa é o destacado empresário Antonio Diederichsen. Por certo o maior empreendedor da História de Ribeirão Preto.

Recebido pelo poderoso Coronel Francisco Schmidt, na década final do século XIX, o então jovem Antonio, que já havia se formado em São Paulo e na Alemanha, chegava a Ribeirão Preto. Sua missão era de inventariar as muitas fazendas endividadas com o Banco Brasileiro-Alemão. Dotado de grande percepção para os negócios, resolve ficar por aqui.

DIEDERICHSEN SENTIU-SE ATRAÍDO PELA RIQUEZA DA CIDADE E DA REGIÃO QUE JÁ DESPONTAVA POR TER A MAIOR PRODUÇÃO DE CAFÉ DE TODO O MUNDO.

Ao adquirir o espólio de uma casa bancária santista a transfere para cá com o nome de

Banco Construtor. Logo monta um importante negócio de máquinas e de equipamentos importados. Adquire, também, uma oficina mecânica, além de uma serraria e uma fundição. Manteve uma parceria societária com o Sr. João Hibbeln, desfeita em 1916. A prosperidade foi tamanha que veio a acumular uma fortuna invejável pelos anos seguintes.

Um sucesso empresarial dessa envergadura faria supor uma personalidade distante, avessa aos contatos humanos mais comezinhos. Nada mais falso. Apesar da disciplina prussiana, Seu Tunico – como era carinhosamente chamado – revelava uma personalidade incomum que irradiava generosidade. Tanta que decidiu dividir os seus rendimentos exponenciais com os seus auxiliares mais diretos. Conduta que manteve ao longo de sua vida.

Ao contrário do que pudesse julgar o senso comum, os seus negócios se ampliaram cada vez mais. Durante os anos 1920, esse ousado empreendedor lança as bases da modernização da cidade. Ele foi o primeiro a instalar revendas de automóveis e de eletrodomésticos, à época todos importados. Sequer a crise de 1929 o de-

teve. Entre lamúrias e queixas generalizadas, em meio ao pânico de uma quebradeira geral, resolve, já em 1934, construir o mais alto Edifício da cidade como a indicar que nem tudo estava perdido. Ao contrário, a cidade encontrava novos caminhos. Indicados pelas suas mãos laboriosas.

QUEM SURPREENDE EM VIDA CONTINUA SURPREENDENTE NA MORTE.

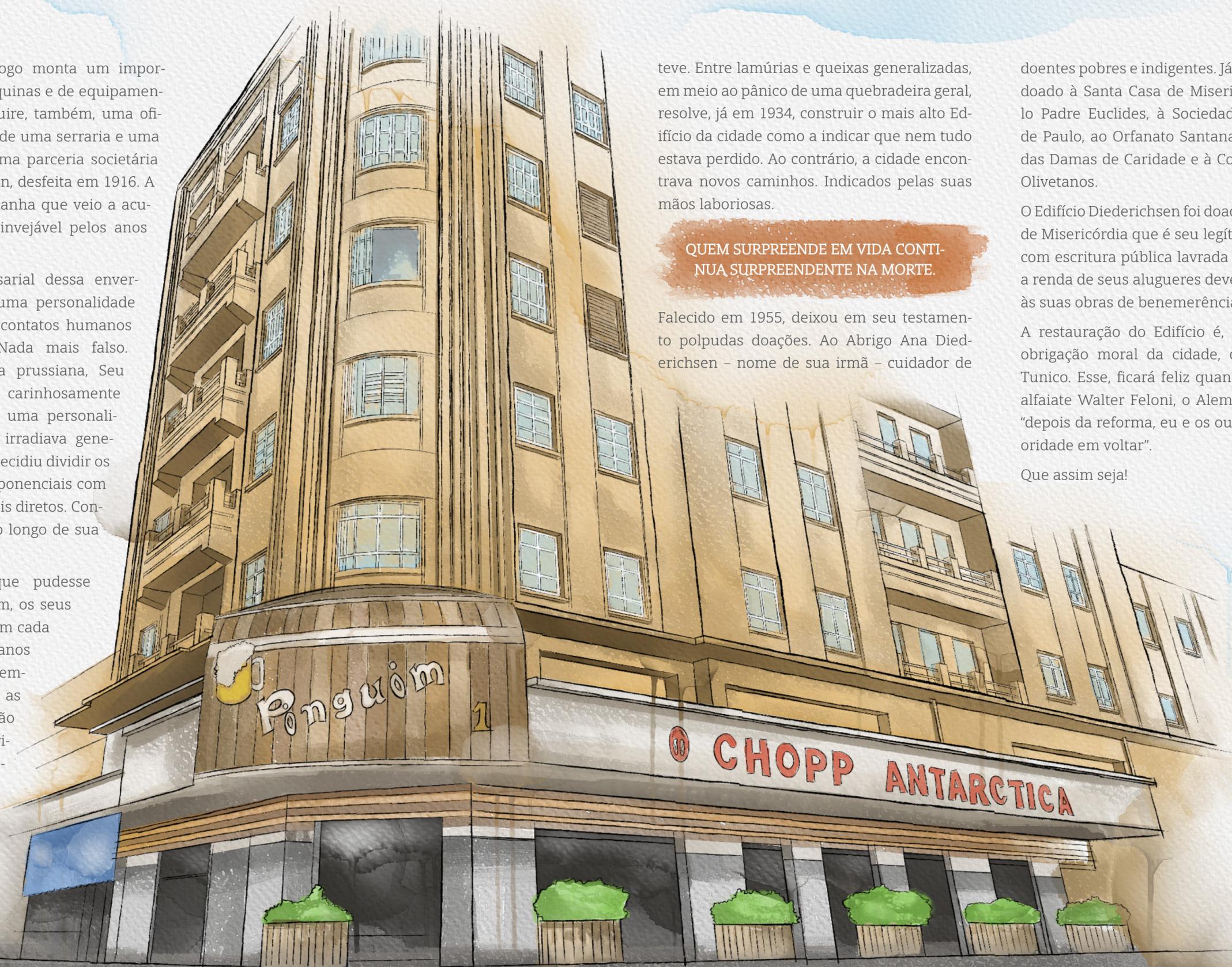
Falecido em 1955, deixou em seu testamento polpudas doações. Ao Abrigo Ana Diederichsen – nome de sua irmã – cuidador de

doentes pobres e indigentes. Já havia também doado à Santa Casa de Misericórdia, ao Asilo Padre Euclides, à Sociedade São Vicente de Paulo, ao Orfanato Santana, à Associação das Damas de Caridade e à Congregação dos Olivetanos.

O Edifício Diederichsen foi doado à Santa Casa de Misericórdia que é seu legítimo possuidor, com escritura pública lavrada em 1962. Toda a renda de seus alugueres deve ser destinada às suas obras de benemerência.

A restauração do Edifício é, portanto, uma obrigação moral da cidade, devida ao Seu Tunico. Esse, ficará feliz quando o sonho do alfaiate Walter Feloni, o Alemão, se realizar: “depois da reforma, eu e os outros temos prioridade em voltar”.

Que assim seja!



Persona

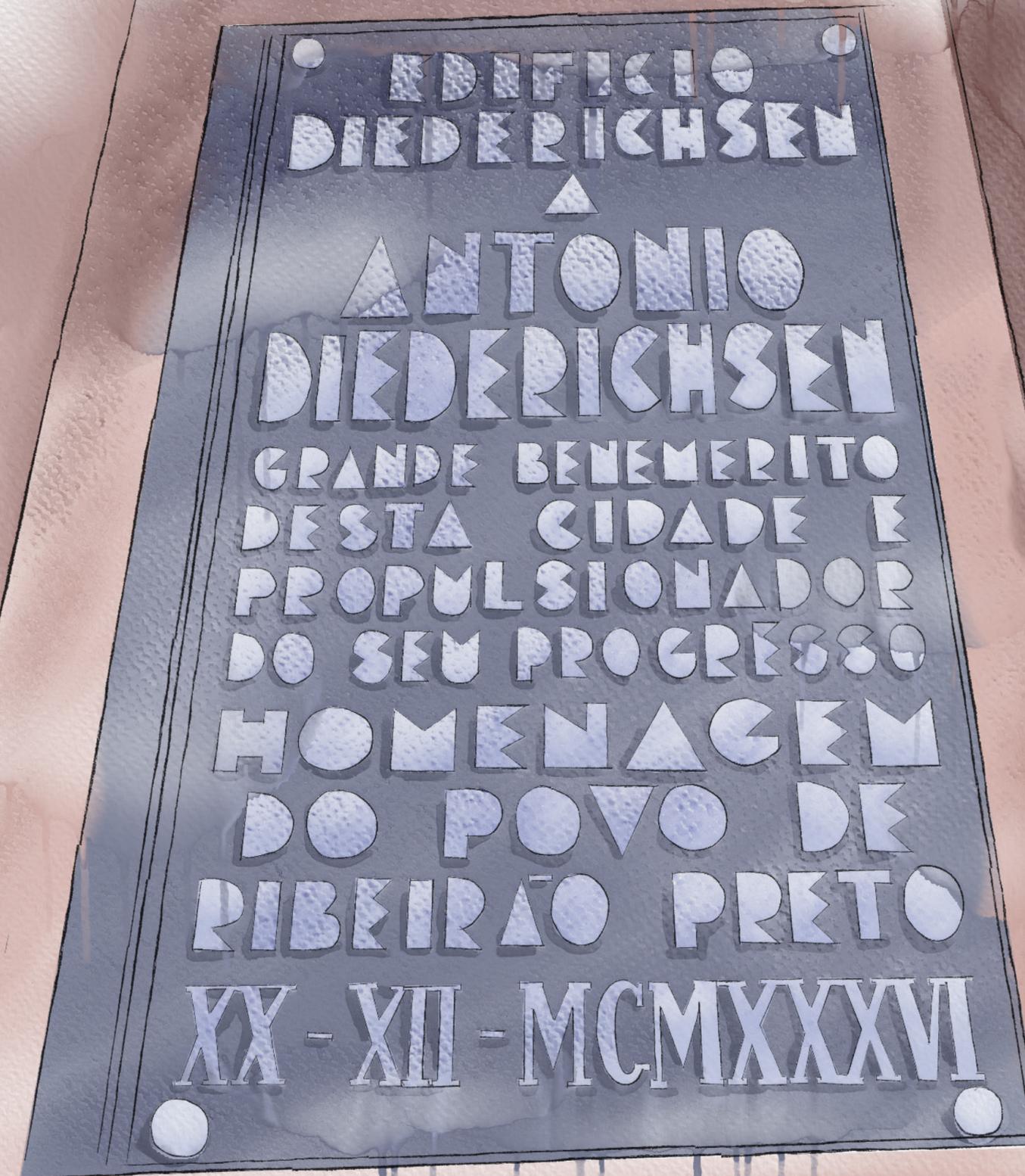
ANTONIO DIEDERICHSEN

Nascido em 01 de agosto de 1875, em São Paulo, Antonio Diederichsen estudara durante a educação básica na capital, especificamente no colégio Brasileiro-Alemão. Terminou, porém, seu ciclo inicial de formação na Alemanha, retornando ao Brasil para trabalhar com pai, fabricante de vinho e chá. O trabalho com o pai, claramente, incentivara Antonio a buscar especialização na área, visto seu retorno à Alemanha para aprofundar-se na área de Agronomia. Terminados seus estudos, retornou às terras brasileiras para trabalhar com seu tio, Arthur Diederichsen, na Fazenda Santa Adelaide.

À mesma época, a falência do Banco Construtor e Auxiliar de Santos havia sido decretada, banco esse, possuidor das citadas oficina mecânica, fundição e serraria. Mostrando, desde cedo, bom faro para negócios, Antonio propusera uma parceria comercial a João Hibbeln, seu depositário. A empresa, fundada então, viveu seus primeiros anos na esquina das ruas José Bonifácio e São Sebastião, chamada "Diederichsen & Hibbeln". Tão bem-sucedidos foram os negócios que uma sessão de ferragens fora adicionada e rapidamente a empresa mudou-se para a Vila Tibério, em função da serraria. A lucrativa parceria entre Diederichsen e Hibbeln viria a se desfazer somente em 1916, com o advento da 1ª Guerra Mundial.

Acompanhando a necessidade de desenvolvimento de Ribeirão Preto, Diederichsen sempre se manteve a passo. Além do icônico edifício, que carrega seu nome, contribuiu com o desenvolvimento da cidade nas mais diversas áreas. Construindo o edifício do Banco Construtor, na esquina das ruas Saldanha Marinho e Américo Brasiliense, local que oferecia a oferta à tão necessitada demanda de construção da região. Também ergueu o edifício que abrigara o Hotel Umuarama, inaugurado em 20 de janeiro de 1951. Ainda, agora no mundo dos negócios, passou a representar a empresa Byington & Cia., concessionária Chevrolet, em 1922. Em 1934, passou a comercializar veículos Ford e, 30 anos depois, Volkswagem.

Já anos 50, devido ao agravamento de sua diabetes, Diederichsen veio a falecer, em 30 de setembro 1955, aos bem-vividos 75 anos. Deixava a vida e entrava, certamente, para a história de Ribeirão Preto. Seu Tunico viveu uma longa vida, voltada para negócios, empreendedorismo. Sempre mantendo o olho vivo em nossa cidade e nas suas necessidades mais latentes, é, sem sombra de dúvidas, um dos maiores nomes da história de nossa cidade. Ribeirão não seria a mesma sem a ação singularmente visionária deste multifacetado homem, que de tudo, fez um pouco.





O QUARTEIRÃO PAULISTA, maior cartão postal de nossa cidade, é composto pelo CENTRO CULTURAL PALACE, o EDIFÍCIO MEIRA JÚNIOR e o glorioso THEATRO PEDRO II. Foi construído em partes e de acordo com a demanda de nossa cidade. O primeiro de seus grandes prédios foi o chamado Hotel Central, mais tarde denominado PALACE HOTEL, construído em meados da década de 1920 em resposta à latente demanda e o aumento do movimento em nossa crescente cidade.

Havia sido construído por si, sem maiores planos de expansão ou integração com algo a mais. Entretanto, a visão de seu original proprietário não foi a mesma daqueles que o adquiriram em 1927, a ambiciosa e empreendedora COMPANHIA CERVEJARIA PAULISTA. Entrincheirada em uma disputa comercial com sua concorrente – a Companhia Antártica – a Cervejaria Paulista havia decidido voltar parte de seus investimentos à estruturação do setor imobiliário da cidade.

Tal linha de investimento e desejo de desenvolvimento da cidade levaram a Cervejaria Paulista a empreender na construção daquilo que, até hoje, se põe como um dos mais belos pontos de nossa cidade. Pouco locais são tão belos, poucos prédios tão bem trabalhados, tão monumentais quanto àqueles que formam o QUARTEIRÃO PAULISTA, no centro nervoso de nossa cidade. Novamente, devido à indústria cervejeira, Ribeirão Preto ganhava acréscimos estruturais, culturais e econômicos indiscutíveis, que moldariam nossa bela cidade. Vejamos, portanto, como mais uma vez a história ribeirãopretana e da COMPANHIA CERVEJARIA PAULISTA se misturam, como o empreendimento e a disputa por clientela no mercado cervejeiro, levou à construção do principal cartão postal de nossa cidade, O QUARTEIRÃO PAULISTA.

07 Quarteirão Paulista I

Centro Cultural Palace

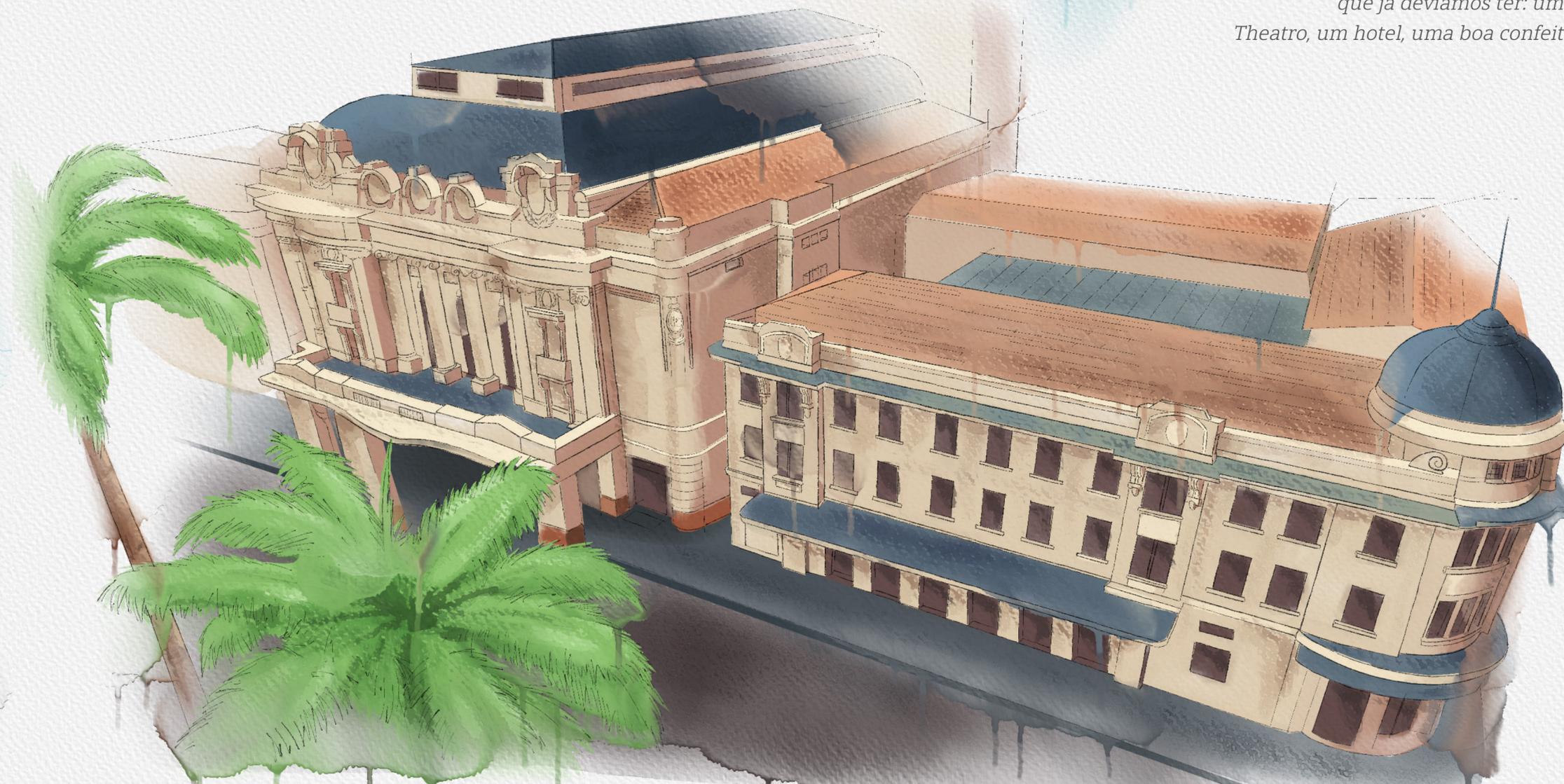
“Mas, sempre que mostrávamos aos nossos hóspedes o que tínhamos, Envergonhávamos do que não tínhamos e que já devíamos ter: um bom Theatro, um hotel, uma boa confeitaria.”

Esse pequeno trecho, extraído de um editorial escrito no jornal “A Cidade”, em 26 de Novembro de 1926, tanto revela como esconde. O jornalista luso-angolano José Manuel Lourenço – autor do importante livro “Palace Hotel – Café, Poder e Política em Ribeirão Preto” – considera que a desqualificação do Teatro Carlos Gomes era mais uma questão política entre os chefões locais que outra coisa. Também, a falta de um hotel categorizado e uma confeitaria revelam as ambições locais à época. A cidade crescia e devia ostentar a sua prosperidade em construções qualificadas.

É esse o caso do “Quarteirão Paulista”.

O MAIS PERFEITO CARTÃO POSTAL DE RIBEIRÃO PRETO.

Suas três edificações compõem um equilíbrio arquitetônico de rara beleza plástica. Porém, em alguns momentos de nossa história, esteve ameaçado, correndo o sério risco de desaparecer. Hoje, felizmente, todos encontram-se restaurados e continuam a exibir em seu conjunto a marca distintiva da cidade.



O Central HOTEL

A profusão de construções, sobretudo no quadrilátero central, se deveu – em primeiro lugar – à prosperidade proporcionada pela gigantesca produção de café. Entretanto, também o desenvolvimento de atividades urbanas, que iam da multiplicação das casas comerciais e do desenvolvimento de uma variada produção industrial teve seu papel nesta história. Tais fatores, entrelaçados, justificavam a fama ribeirãopretana de cidade mais rica do interior do país. Essas construções, palacetes, casas de moradia

da elite econômica, as dezenas de sobrados, possuíam estilos e influências dos mais diversos, como nos atesta a arquiteta Valéria Valadão:

“(…) A arquitetura eclética em Ribeirão Preto marcará uma época de manifestações de ‘gosto’, que em curto espaço de tempo tornou-se dominante e cuja expressão plástica variava de acordo com as posses e a classe social do proprietário. Da mesma forma, essas ‘manifestações de gosto’ também variavam de acordo com a procedência do modelo em que se inspirava e com as adequações dos nossos construtores e facha-

distas ou ‘frentistas’ incumbidos de sua reprodução. Foram edificadas construções públicas de vulto, residências apalaçadas, sobrados adaptados ao comércio no pavimento térreo, residências com porão habitável nos mais diversos estilos: art-nouveau, Fiorentino, neoclássico, totalitário, neogótico, chalets, francês e normando, art-déco, vários ‘luízes’ e, ainda, em reação a essa profusão de estilos, insere-se o neocolonial. O Art ‘Nouveau, estilo revolucionário na Europa, foi difundido e reproduzido pelas classes mais abastadas não apenas em residências, mas também nas obras públicas e oficiais.”



UM DOS MAIS
icônicos
EXEMPLOS É O DA
CONSTRUÇÃO DO

Central Hotel

Em meados de 1924, o Sr. Adalberto Henrique de Oliveira Roxo – um destacado comerciante de café – contratou a empresa *Junqueira e Valle* para a construção de tal prédio, situado na esquina da Rua Duque de Caxias com a Álvares Cabral. Veio a ser o famoso *Hotel Central*, mais tarde denominado de *Palace*, inaugurado já em 1926, que teve uma existência repleta de glórias nas décadas seguintes.

Em 1927, o Hotel foi adquirido pela Cia. Cervejaria Paulista. Essa importante Empresa Cervejeira, também, adquiriu o terreno adjacente, no qual seriam edificados o Theatro Pedro II e o Edifício Meira Junior. Nascia ali, o que denominamos de “Quarteirão Paulista”. Verdadeiro cartão-postal, imagem das mais marcantes de nossa terra, atestador do glorioso passado, e presente, da cidade de Ribeirão Preto.

O mesmo jornalista José Manuel Lourenço, na

obra que citamos na introdução, faz-nos uma descrição exata:

“Não é possível pensarmos o hotel, sem levar em consideração o vizinho exuberante e vaidoso, chamado Pedro II, ou o seu clone da esquina da Álvares Cabral com a General Osório. Ou seja, não se pode falar do Palace, sem levarmos em conta o conjunto arquitetônico do qual faz parte.

Quando se fala desse conjunto, fala-se de um quarteirão eclético em termos de estilo, um ecletismo, como afirma a historiadora da arte, Marisa de Fátima da Silva Costa Garcia Mattos, presente na década de 1920, em Ribeirão Preto, mas já produto de uma ‘belle époque’ tardia.

O estilo que define o Palace e o Quarteirão Paulista é marcado pela simetria, pela busca de grandiosidade, por uma hierarquização bastante rígida na definição dos espaços

internos e, sobretudo, pela riqueza decorativa, mas tem, como elemento definidor a capacidade de possuir uma identidade relativamente própria, a partir da convivência pacífica entre dois ou mais estilos. Ou, como diz a historiadora, estilos que 'possuem um diálogo muito forte entre si, que não roubam características um do outro, mas se completam.'

Síntese primorosa construída a respeito do Palace foi elaborada pelo arquiteto Cláudio Bauso, entusiasta responsável pela sua restauração, detalhe por detalhe, ao longo de vários anos de trabalho. Bauso fala com desenvoltura, acompanhando suas palavras com gestos eloquentes: "A beleza desse edifício está no seu elemento construtivo, porque trazia detalhes decorativos para compor uma limitação estrutural. A função é agradar o olho, nisso terá muita estética. Basta olhar a profusão de detalhes. Como não existia aço suficiente para aguentar uma mão francesa grande, então temos um tipo de balacim, uma marquise. Só que a força para baixo é tão grande que se torna necessário por um elemento embaixo para segurar. Mas, em vez de se fazer um negócio reto, foi feito algo mais arredondado, mais bonito. Isso é fundamental, dar estética na estrutura e, no Palace, isso aparece em muitos lugares."

Durante o processo de restauração do Palace, o historiador Renato Oliveira deu o suporte de informação aos técnicos que nela trabalharam. Diz ter-se servido de fontes primárias e



secundárias, sobretudo obtidas no Arquivo Público, e nos informa que a construção do hotel se ligou, a princípio, à necessidade de servir aos negociantes de café e tantos outros que visitavam a cidade de maneira mais categorizada. Afinal, à época, existiam apenas pequenos hotéis e pensões. Anos passados, com a inauguração do Teatro Pedro II, o Hotel cumpriu a função de receber as trupes de artistas que ali se apresentavam. Havia, inclusive, uma passagem interna ligando as duas edificações, que facilitava a movimentação dos artistas, sem a necessidade de irem até à rua. Foi um momento de maior inserção da cidade na economia global, além de revelar um cosmopolitismo oferecido pelos negócios e pela cultura, já que artistas e grupos de teatro e ópera de muitos países, em nossos palcos, passaram a se apresentar.

Cláudio Bauso comenta, também, a ideia do negociante Adalberto Henrique de Oliveira Roxo; erguer ao lado de sua antiga e acanhada hospedaria, um novo hotel de proporções maiores e ricamente decorado. Para isso, teve a colaboração de um importante acadêmico que o projetou, o Dr. Henrique Pujol, professor de origem espanhola que tinha grande renome. Construído segundo as linhas da arquitetura francesa, no estilo Art Déco, caracteriza-se pela profusão e a riqueza de detalhes, além da utilização de materiais de elevada qualidade, observados nas escadarias revestidas de mármore de Carrara, nos lambris de madeira feitos com pinho de Riga, emoldurados por vidros bisotê, chanfrados nas bordas em angulação. Além dos afrescos



e os apliques em gesso que reproduziam folhas de café, os lustres franceses e as arandelas que portavam lampiões, necessários em uma época que eram comuns os cortes de energia elétrica.

Dotado de uma centena de aposentos de hospedagem, no piso inferior oferecia um amplo salão de jantar e, ao seu lado, o de festas – que reunia, em suas *soirées* domingueiras, a elite local em festas dançantes e comilanças sem fim.

Desde o primeiro momento, quando acabara de chegar de Angola, anos atrás, José Manuel Lourenço encantou-se tanto com a edificação que decidiu registrá-la em livro. Depois de uma pesquisa que lhe consumiu um ano de trabalho, diz ter reunido enorme material, que recolheu no jornal A Cidade e no Arquivo Público. Num dos capítulos de sua obra, o jornalista

narra histórias de possíveis casos amorosos que ali se sucederam, muitos escandalosos, além de dois assassinatos e um suicídio. Isso levou muita gente a acreditar que o local seria povoado de fantasmas. Favorece tal lenda, o fato de ter existido um cemitério bem de frente, em tempos mais remotos. O escritor francês, Patrick Modiano, vem em nosso auxílio e nos conforta, ao afirmar: “fixar os fantasmas olhos nos olhos, não há melhor maneira de os eliminar...”

Hoje, este histórico hotel, parte integrante da história e da cultura ribeirão-pretana, segue dando suas contribuições à cidade. Abriga o Centro Cultural Palace, oferecedor inúmeras atividades educativas e culturais. E não há notícias de novos fantasmas.



Persona

ADALBERTO HENRIQUE DE OLIVEIRA ROXO

Próspero comerciante de café em Ribeirão Preto. Em 1924, percebendo que a cidade carecia de um local de hospedagem digno de sua força econômica, Adalberto Roxo decide construir o *Central Hotel*, depois *Palace Hotel*, hoje, *Centro Cultural Palace*. Aproveitando-se das visitas do renomado engenheiro-arquiteto Hipólito Pujol Júnior, encomenda-lhe o projeto de sua construção. A obra, em estilo *Art Dèco*, viria a mudar o perfil urbano da área central. Algum tempo depois, vende a edificação para a Companhia Cervejaria Paulista que, tendo adquirido os terrenos lindeiros, irá edificar o Theatro Pedro II e o Palacete Meira Júnior, compondo o chamado “Quarteirão Paulista”, maior conjunto arquitetônico da cidade. Nascido em 1883, Adalberto veio a falecer em São Paulo, no ano de 1943 em um Sanatório.



Como joias da coroa do conhecido QUARTEIRÃO PAULISTA, à beira da praça XV de Novembro, estão o THEATRO PEDRO II e o EDIFÍCIO MEIRA JÚNIOR. Construídos após a aquisição do Central Hotel pela Cia. Cervejaria Paulista, foram declaradamente uma forma de devolver um pouco à cidade que tanto havia lhes dado. Com a construção iniciada em 1928, em mais alguns anos, Ribeirão Preto contaria com uma grandíssima casa de Ópera, digna de rivalizar com a beleza dos maiores teatros de ópera do nosso país, como o de São Paulo e do Rio de Janeiro e um prédio comercial de beleza invejável. Novamente vemos a história de ribeirãopretana e da COMPANHIA CERVEJARIA PAULISTA se fundindo, dessa vez com o presentear de nosso principal cartão postal.

Em um momento de pleno desenvolvimento econômico e estrutural de nossa região, a adição destes dois edifícios, ainda acrescidos da reforma do Central Hotel, ofereceram ainda mais possibilidades e sonhos à Ribeirão Preto. O EDIFÍCIO MEIRA JÚNIOR possibilitou a estruturação de diversos negócios e empreendimentos bem no centro nervoso de nossa crescente cidade, enquanto o THEATRO PEDRO II ofereceu as condições de chegada da cultura vanguardista por essas bandas. Ribeirão Preto crescia de vento em popa e, a cada virada do calendário, os ribeirãopretanos devolviam à nossa cidade ainda mais.

O QUARTEIRÃO PAULISTA ofereceu a nossa cidade parte de sua bela face, que hoje conhecemos tão bem. Responsável por, até hoje, receber a mais alta cultura que chega por essas terras, se provou um dos maiores presentes à nossa história, tendo efeito na vida ativa de nossos habitantes há quase um século. Vejamos, portanto, como tal conto começou, como uma companhia cervejeira ajudou, novamente, a fomentar o crescimento de nossa Ribeirão Preto, afetando nossa terá nos anos porvir.



08 *Quartirão
Paulista II*

Theatro Pedro II
EDIFÍCIO MEIRA

*“Em uma ópera, a poesia por força
há de ser filha obediente da música.”*

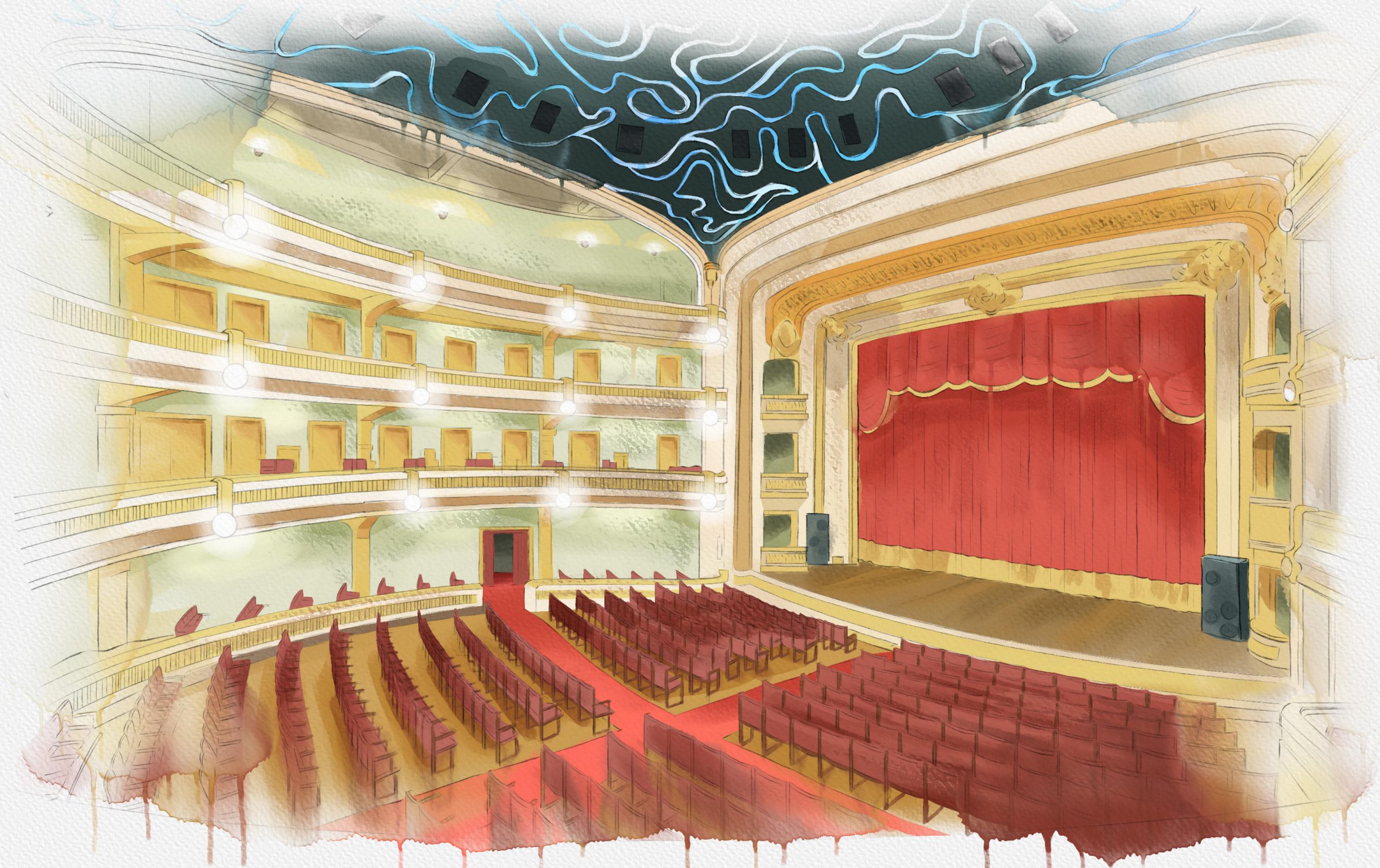
Wolfgang Amadeus Mozart



Os Teatros de Ópera são símbolos poderosos da riqueza e do status cultural de uma cidade, muitos deles considerados tesouros arquitetônicos que a valorizam. Às vezes, as definem como centro cultural de excelência, lembremo-nos do *San Carlo*, de Nápolis; do *alla Scala* de Milão; do *Metropolitan* de Nova York; do *Colón* de Buenos Aires; do *Garnier* de Paris; do *Sttatsoper* de Viena. Mundo afora, mundo adentro

TAMBÉM POSSUÍMOS O QUE NOS ORGULHA: O *PEDRO II.*

Ópera significa “trabalho” em latim, plural de opus (obra). Um gênero artístico-teatral que consiste num drama encenado e acompanhado de música instrumental, com a presença ou não de diálogo falado. Os cantores são divididos conforme os timbres de suas vozes, sendo as masculinas: baixo – baixo-barítono – barítono – tenor e contra-tenor. E as femininas em contralto – mezzo soprano e soprano. Estes são acompanhados de um grupo musical, quando não de uma orquestra sinfônica completa.



A ÓPERA É UM CASAMENTO PERFEITO
ENTRE A MÚSICA E O TEATRO.

A arquiteta Renata Alves Sunega, que realizou um trabalho acadêmico sobre o “Quarteirão Paulista”, nos informa:

“Foi no Renascimento italiano que ocorreram as grandes modificações relativas à apresentação teatral, é quando os teatros de arena que ocupavam as praças são substituídos por espaços fechados, com construções projetadas especialmente para a interpretação. A mais significativa modificação na arquitetura teatral ocorreu no período barroco, na Itália, com ‘a criação da ópera, na introdução dos bastidores e na disposição do auditório para acomodar os intermezzi’ (Pevsner).

O primeiro teatro construído para a apresentação operística é o San Cassiano, de Veneza, em 1637.”

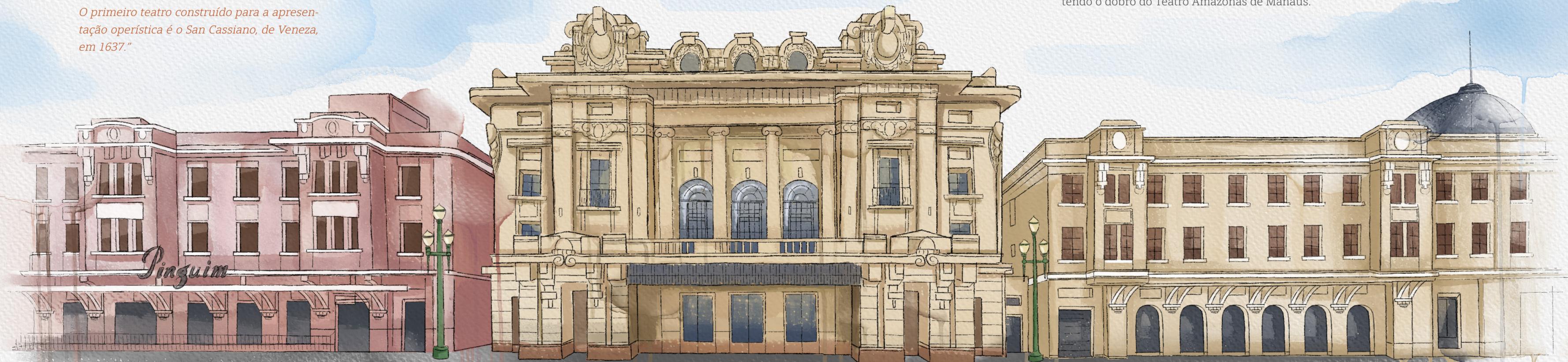
Theatro de Ópera NO BRASIL

Ao ser inaugurado em oito de Outubro de 1930,

O THEATRO PEDRO II
TORNOU-SE O

terceiro maior do Brasil

Menor apenas que os do Rio de Janeiro e São Paulo e tendo o dobro do Teatro Amazonas de Manaus.



O "QUARTEIRÃO" SE COMPLETA: o Theatro Pedro II e o Edifício Meira Jr.

Não fosse a sanha destruidora de nossas elites descompromissadas, poderíamos nos referir a dois Teatros. Havia em nossas terras, também, o Teatro Carlos Gomes, bem defronte ao Pedro II. Ribeirão tinha, portanto, dois teatros de ópera. Porém, em meados da década dos anos quarenta, este foi demolido, justificativa convincente para isso, nunca foi apresentada. Tabu, assunto proscrito do qual não se deve falar. Os que o destruíram imaginaram estar, ao fazê-lo, apagando-o da História. O que pode se dizer que conseguiram. Entretanto, da Memória, não o apagaram!

Depois da aquisição do Central Hotel, que teria posteriormente o seu nome mudado para Palace, os diretores da Companhia Paulista decidiram construir, a partir de 1928, os dois edifícios que completam o Quarteirão Paulista. O seu Presidente, Dr. João Alves Meira Júnior, justificou a iniciativa como uma forma de agradecimento ao sucesso da empresa na cidade. Nas alegações finais de um processo judicial, ele assim se expressou:

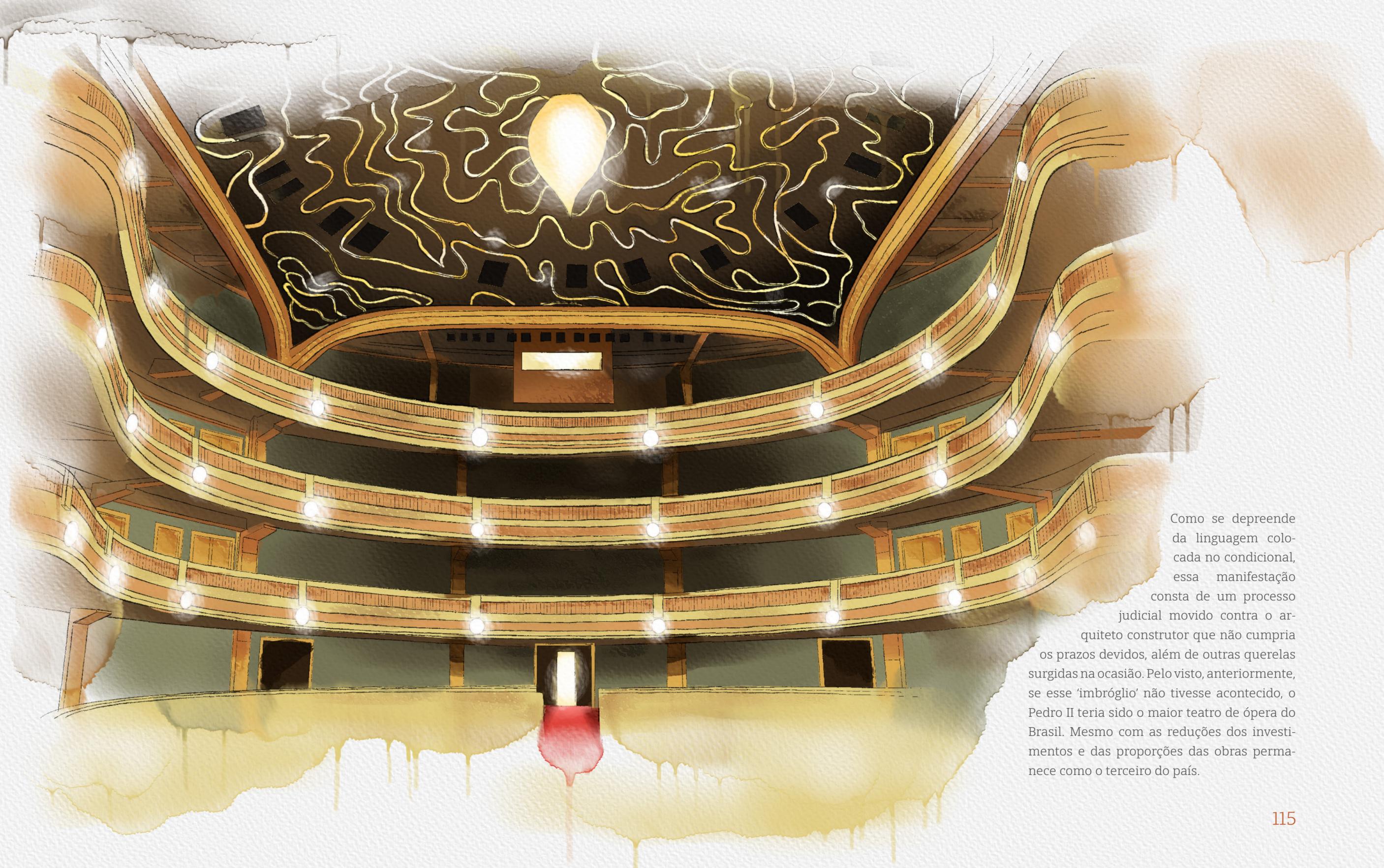
"A Companhia Cervejaria Paulista, para corresponder ao favor público a que devia o seu crescente desenvolvimento, deliberou cooperar no embelezamento da cidade, fazendo construir no centro do chamado "quarteirão paulista", à Praça 15 de Novembro, um teatro e ao lado deste, em 'pendant' com o Central Hotel, outro prédio de lojas e escritórios."



Sanava-se a queixa do editorial do jornal *A Cidade*, de 1905, que afirmava ter, Ribeirão, carência de um teatro e de uma confeitaria refinados. O fim do Carlos Gomes foi profetizado, assim, com décadas de antecipação.

O projeto vencedor de uma concorrência pública era de autoria do arquiteto paulistano Hypólito Gustavo Pujol Júnior, assim descrito pelo Dr. Meira Jr.:

“O teatro conteria um vestibulo monumental, no primeiro pavimento o ‘foyer’ de passeio e mais dois salões de circulação e repouso, mais duas outras salas; no segundo pavimento os mesmo números de salas, salões e ‘foyer’. O ‘monumental’ vestibulo de entrada, o ‘foyer’ e os salões do primeiro andar deveriam ser tratados, como as peças principais, com decoração rica em que se applicariam, como elementos predominantes, o estuque fino de gesso, escadarias de mármore e balaustradas de ferro forjado. (...) As salas de espectáculos teriam a capacidade para accomodar confortavelmente duas mil oitocentas e quinze (2.815) pessoas, sendo 1.454 no pavimento térreo; 346 no primeiro andar, 401 no segundo e 614 no último. Colossal!”



Como se depreende da linguagem colocada no condicional, essa manifestação consta de um processo judicial movido contra o arquiteto construtor que não cumpria os prazos devidos, além de outras querelas surgidas na ocasião. Pelo visto, anteriormente, se esse ‘imbróglio’ não tivesse acontecido, o Pedro II teria sido o maior teatro de ópera do Brasil. Mesmo com as reduções dos investimentos e das proporções das obras permanece como o terceiro do país.



Ao Dr. Hipólito Pujol, no entanto, deve ser creditada a harmonização do conjunto dos três edifícios. Propôs alterações no Hotel Central, aplicando elementos decorativos na fachada que deveriam acompanhar as ornamentações dos outros dois edifícios, com seus frontões e florões. As varandas foram fechadas, instalou-se um toldo envidraçado em equilíbrio com o do teatro e é acrescentada uma cúpula à semelhança da do Edifício Meira Jr., em 'pendant' como dito, com o sentido de emparelhamento. Sobre esse edifício final, situado na esquina oposta, na rua General Osório, o notável empreendedor Dr. Meira descreveu:

“O pavimento térreo do edifício comercial seria destinado a instalações de lojas e principalmente de uma confeitaria de luxo, sendo os andares superiores ocupados com magníficos escriptorios. A confeitaria teria as portas à moda européa, em grandes vãos envidraçados, de entrada vedada; na área central graciosa pergola, com plantas verdes, daria a illusão de verdadeiro jardim e no primeiro pavimento um espaçoso salão de chá, finamente decorado.”

Renata Sunega, arquiteta anteriormente mencionada, prossegue:

“A arquitetura do Theatro Pedro II apresenta características da tradição clássica, com posição monumental da fachada e sistemas de ornamentação sendo os principais – moldura e entablamentos, e as secundárias – brasões e guirlandas.”

Ressalta, também, referindo-se ao arquiteto e harmonizador de todo o conjunto, Hipólito Pujol, fez destacar o teatro em relação aos dois edifícios laterais, o Palace e o Palacete Meira. Ao utilizar dimensões avantajadas do frontispício, foi colocado em evidência física, mas harmonizada com os demais. Seguiu, por certo, o conceito acadêmico de “arquitetura parlante” – arquitetura falante, no qual as edificações expressam as suas respectivas funções e identidades.

Depois de viver o seu apogeu nos anos iniciais, o Pedro II acabou por ser arrendado a empresas cinematográficas, vivendo longo período de decadência. Em alguns momentos pensou-se mesmo em demoli-lo e, em seu lugar, edificar galerias e edifícios comerciais. Esse burburinho, sobretudo, depois que a Cervejaria Paulista foi incorporada à rival Antártica, fazendo surgir a Companhia Antártica Níger, ganhou balanço. Providencialmente, o vereador Flávio Condeixa Favaretto inicia o envolvimento da comunidade ao aprovar a Lei N. 1.764 de “Proteção Especial ao Theatro Pedro II”. O momento mais dramático se deu no dia quinze de julho de 1980, quando um poderoso incêndio acidental consumiu desde cortinas, poltronas, sua cobertura, até parte considerável das galerias e da boca de cena.

A mobilização política e o envolvimento da população resultaram no seu tombamento pelo Patrimônio Histórico em 1982 e, em 1993, dos demais edifícios do Quarteirão Paulista. A sua restauração, que durou vários anos, de 1991 a 1996, induziu à restauração completa

dos demais prédios nos anos seguintes, resultando na magnífica visão que se tem, hoje, desse “Lugar de Memória”.

A acadêmica e pesquisadora Adriana Silva, coautora de um belíssimo livro contendo depoimentos de dezenas de pessoas que viveram a História do teatro, lembra o de um bombeiro que assistiu à elevação das chamas na trágica noite de 1980. Referiu-se a um episódio curioso, o da ausência do enorme lustre do teto que todos reputavam possuir uma extraordinária beleza. No registro de sua fala, ela nos informa::

(...)“não ter sido encontrado qualquer ferro retorcido que viesse a lembrar o lustre. Apesar de muitas especulações, até a que teria sido vendido e, provavelmente teria sido levado para a Europa, não restou dele qualquer memória visual. No processo de restauração, dentre várias propostas, foi escolhido o projeto da artista plástica Tomie Otake, que possui um estilo moderno e que lembra a água em linhas ondulantes que dão uma ilusão de movimento e o novo lustre tem a forma de uma gota, a lembrar uma lanterna japonesa como a contrapor a tragédia do fogo. Lindo! Pois dialoga com o contexto, mesmo em estilo diferente e contrastante...”



O administrador do teatro, José Artur Damião Jaquinta, que participou de todo o processo de restauração, se emociona ao narrar a sua experiência ali. Chama-o de “filho concreto”. Depois de termos percorrido todas as dependências, incluindo a fastosa sala de espetáculos na forma de uma ferradura, própria de uma sala de ópera, revela a sua ligação afetiva com o espaço quando estivemos na “Sala dos Espelhos”. Para ele, um dos espaços mais apreciados pelas pessoas que a visitam. Diz, com a voz embargada:

“aqui, tudo é original, desde os espelhos de cristal bisotados, até os lustres, os candelabros, as ferragens... tudo. Além da esplêndida vista da Praça XV de Novembro, vista da sacada aqui do lado.”

E abre as grandes portas que lhe dão acesso. Magnífico!

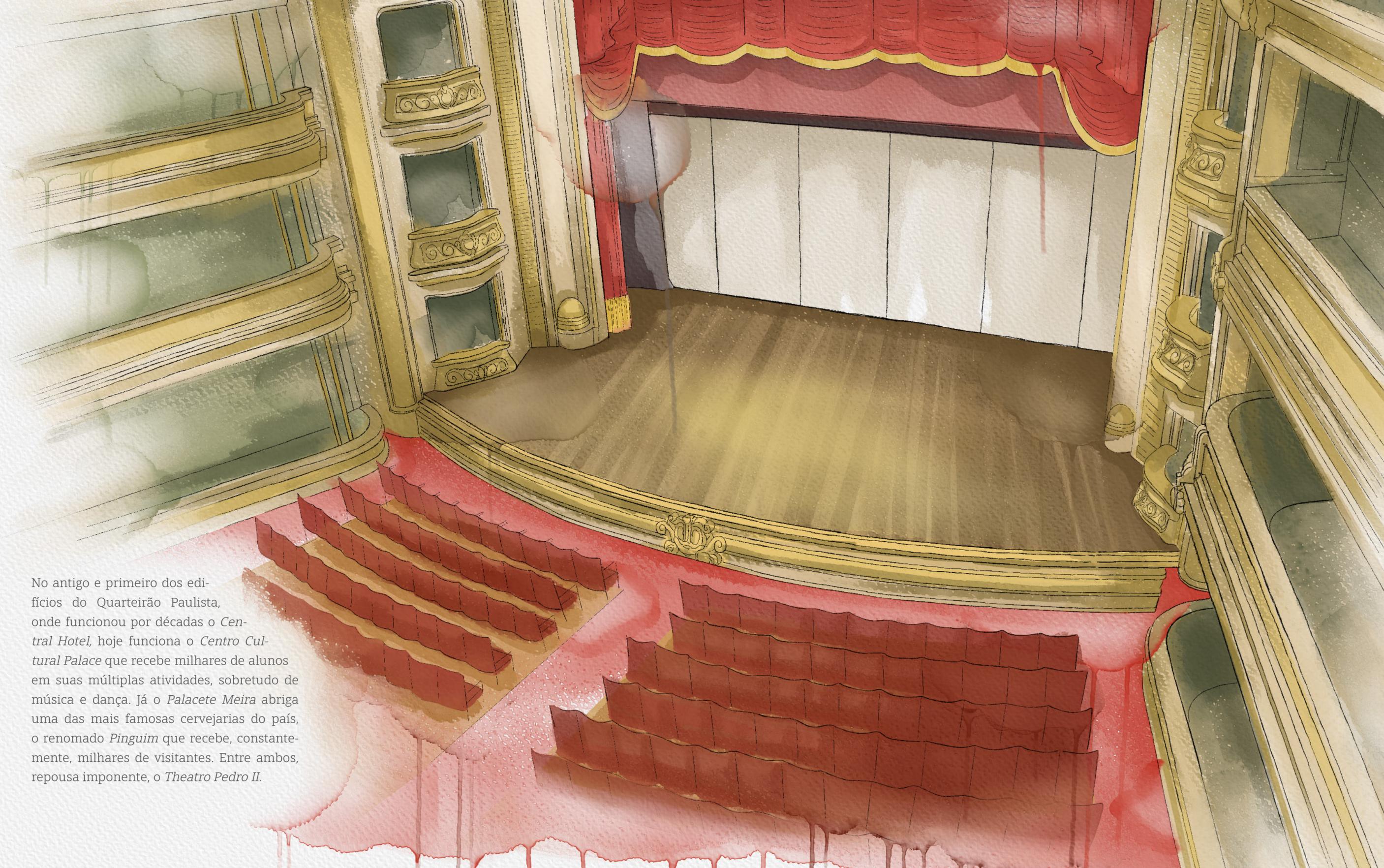
Tão, ou até mais, importante do que é visto depois da restauração é o que se esconde, nem sequer lembrado ou sabido, que o engenho e a ousadia do professor Mário Ferriani nos revela. Houve a necessidade de adequações estruturais desde a fundação até a cobertura. O palco foi alargado, pois tinha um proscênio muito limitado que a cenotécnica exigia. Os camarins foram transferidos para um nível inferior para que isso fosse possível. Mas, a principal mudança e a que exigiu maior ousadia e cálculo foi a da retirada das colunas de sustentação lateral até o urdimento, a porção mais elevada. Dr. Ferriani relembra:

“O grande desafio que se apresentou foi o de instalar travessas longitudinais, em metal e concreto, criando um novo sistema de sustentação. Foram necessárias para a devida distribuição e suficientes para resistir ao enorme peso que havia acima. O momento de maior tensão aconteceu quando da retirada das colunas... Foram horas de apreensão... Felizmente, tudo correu bem.”

Outra coisa que poucos conhecem, que também foi resultado de sua competência:

“a casa de máquinas, geradores e controles elétricos, ficam sob a esplanada. Tivemos de cavar cerca de seis metros e cobrir a estrutura em concreto, mas que tivesse resistência tal, capaz de resistir ao trânsito de veículos e de pessoas, além de suportar o peso do calçamento original de paralelepípedos.”

Quem passa por ali, sequer desconfia ou percebe.

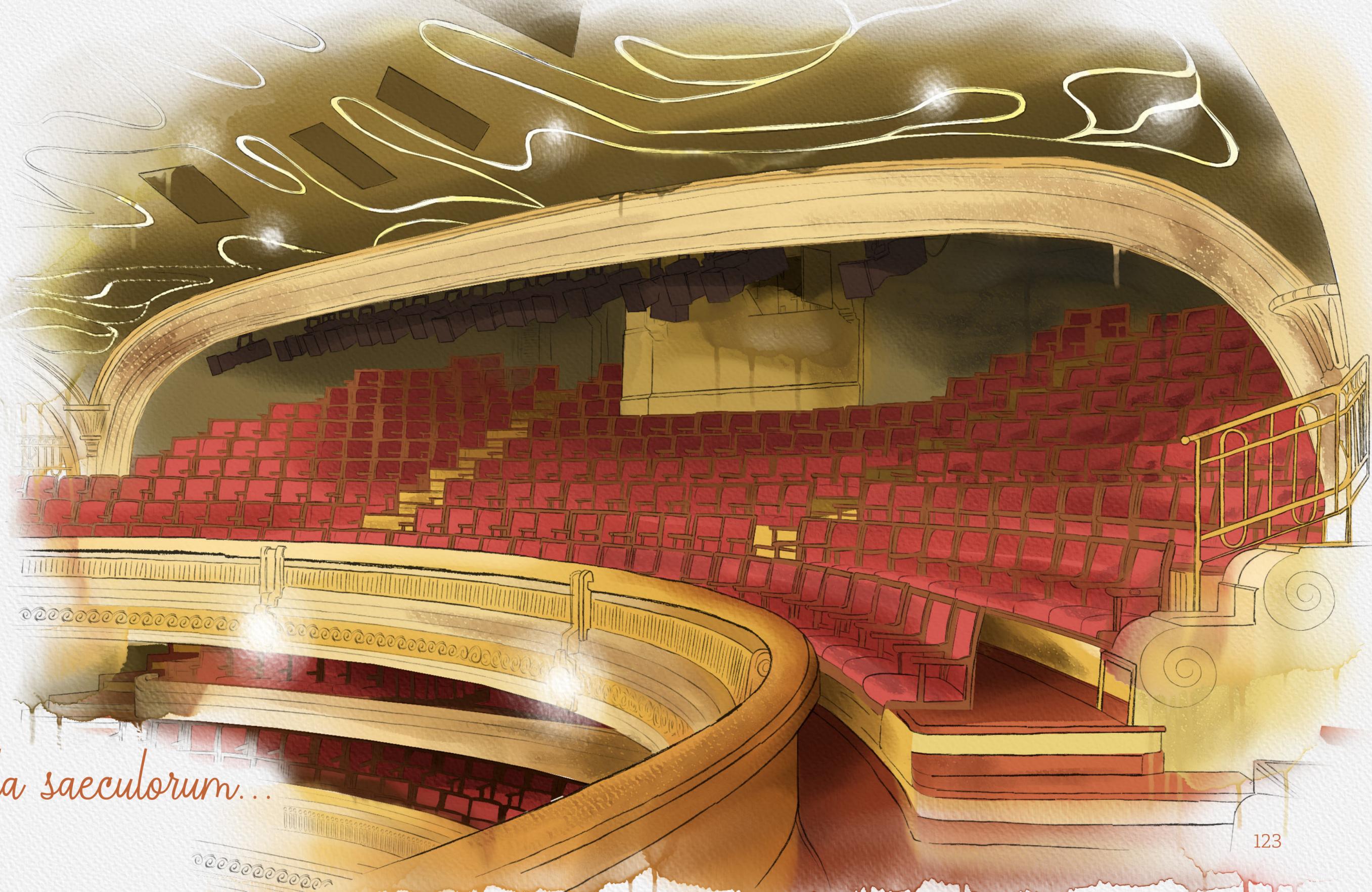


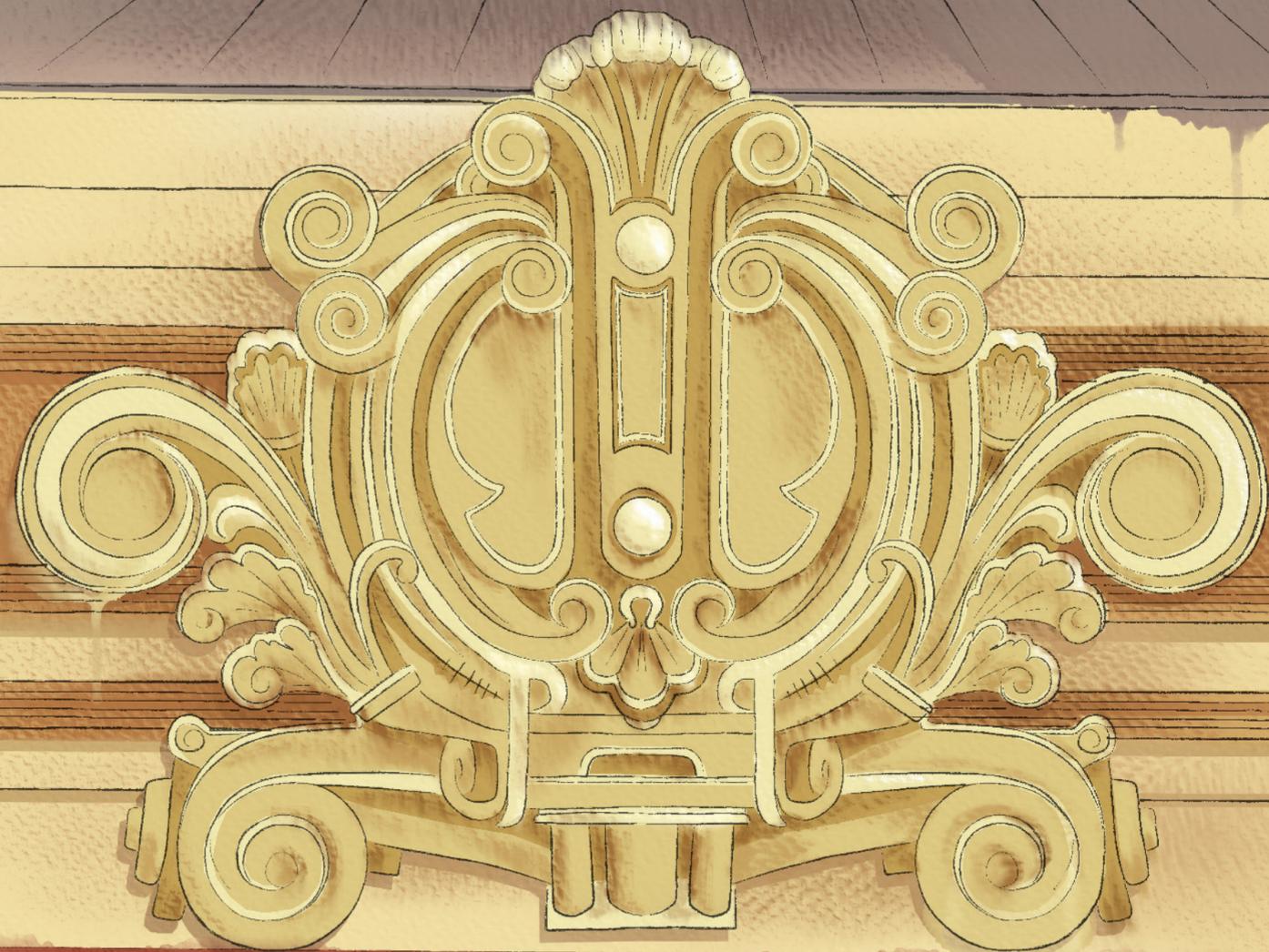
No antigo e primeiro dos edifícios do Quarteirão Paulista, onde funcionou por décadas o *Central Hotel*, hoje funciona o *Centro Cultural Palace* que recebe milhares de alunos em suas múltiplas atividades, sobretudo de música e dança. Já o *Palacete Meira* abriga uma das mais famosas cervejarias do país, o renomado *Pinguim* que recebe, constantemente, milhares de visitantes. Entre ambos, repousa imponente, o *Theatro Pedro II*.

Indagada sobre a baixa programação de óperas e de outras manifestações eruditas, a pesquisadora Adriana Silva responde, assertivamente, *“Não é mais possível manter a programação do teatro em um nível muito elevado. Os custos de manutenção são dispendiosos, além do que também afastaria a maior parcela da população. E nem há mais recursos para que isso aconteça. O ideal a ser buscado é de que haja um equilíbrio e todos sejam satisfeitos. A popularização é benigna, mas há a extrema necessidade de uma política de formação de plateia. Deve ser evitada a vulgarização que já aconteceu em alguns períodos, mas é bom que se pense em degraus do popular ao erudito e a maioria usufrua desse espaço extraordinariamente belo.”*

Todo esse Quarteirão poderia ter tido o destino do Teatro Carlos Gomes. Não faltou vontade nem esforços para demoli-lo. Em nome de uma falsa modernidade que nada mais representa que interesses especulativos com a sua sanha destruidora. Felizmente, o destino foi outro. O conjunto dos três edifícios permanece, restaurado e organicamente ligado à população ribeirãopretana. Que assim permaneça.

Per omnia saecula saeculorum...





Persona
HIPÓLITO PUJOL JÚNIOR

Renomado engenheiro-arquiteto. Autor de importantes projetos, tais como o Central Hotel, na Praça XV de Novembro em Ribeirão Preto, esquina das ruas Duque de Caxias e Álvares Cabral. Um de seus mais notáveis projetos é o Edifício Guinle, no centro velho da capital paulista, precursor da verticalização paulistana, com seus trinta e seis metros de altura e sete pavimentos, impressionava, à época, por sua magnitude. Foi, também, renomado professor. Além de escrever vários livros de técnicas construtivas e de engenharia. Nascido em 1880, veio a falecer em 1952.